



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROF-ARTES

MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS

Brincando de Circo: relato de experiência de uma professora-palhaça nas aulas de Arte na Escola Aruanda (João Pessoa/PB).

JOÃO PESSOA

2023

MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS

Brincando de Circo: relato de experiência de uma professora-palhaça nas aulas de Arte na Escola Aruanda (João Pessoa/PB).

Relato de experiência apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Artes.

Área de Concentração: Ensino de Artes

Linha de Pesquisa: Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes

Orientadora: Prof.^a Dra.^a Marcia Maria Strazzacappa Hernández

JOÃO PESSOA

2023



Universidade Federal da Paraíba
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES EM REDE
NACIONAL

ATA Nº 3

Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e três, às 06h30min, no Videoconferência, instalou-se a banca examinadora de dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS. A banca examinadora foi composta pelos professores Dr. ADILSON DONISETI LEDUBINO, UNICAMP, examinador externo à instituição, Dr. JOSE AMANCIO TONEZZI RODRIGUES PEREIRA, UFPB, examinador interno, Dra. MARCIA MARIA STRAZZACAPPA HERNANDEZ, UFPB, presidente. Deu-se início a abertura dos trabalhos, por parte do professor Dr. GUILHERME BARBOSA SCHULZE, coordenador do Programa, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, passou a presidência dos trabalhos à professora Dra. MARCIA MARIA STRAZZACAPPA HERNANDEZ, que de imediato solicitou a(o) candidato (a) que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada Brincando de Circo: relato de experiência de uma professora-palhaça nas aulas de Arte na escola Aruanda (João Pessoa/PB), marcando um tempo de 30 minutos para a apresentação. Concluída a exposição, a professora Dra. MARCIA MARIA STRAZZACAPPA HERNANDEZ, presidente, passou a palavra ao professor Dr. ADILSON DONISETI LEDUBINO, para arguir a candidata, e, em seguida, ao professor Dr. JOSE AMANCIO TONEZZI RODRIGUES PEREIRA para que fizessem o mesmo; após o que fez suas considerações sobre o trabalho em julgamento; tendo sido aprovada a candidata, conforme as normas vigentes na Universidade Federal da Paraíba. A versão final da dissertação deverá ser entregue ao programa, no prazo de 30 dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora que se referem exclusivamente à inclusão das referências faltantes. A candidata não terá o título se não cumprir as exigências acima.

Dr. ADILSON DONISETI LEDUBINO, UNICAMP

Examinador Externo à Instituição

Documento assinado digitalmente
gov.br ADILSON DONISETI LEDUBINO
Data: 02/03/2023 11:12:50-6300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Dr. JOSE AMANCIO TONEZZI RODRIGUES PEREIRA, UFPB

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSE AMANCIO TONEZZI RODRIGUES PEREIRA
Data: 03/03/2023 09:11:10-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Dra. MARCIA MARIA STRAZZACAPPA HERNANDEZ, UFPB

Presidente

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCIA MARIA STRAZZACAPPA HERNANDEZ
Data: 03/03/2023 09:39:09-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS

Mestrando

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237b Santos, Marinalva Rodrigues dos.

Brincando de circo: relato de experiência de uma professora-palhaça nas aulas de arte na Escola Aruanda (João Pessoa/PB) / Marinalva Rodrigues dos Santos. - João Pessoa, 2023.

106 f. : il.

Orientação: Marcia Maria Strazzacappa Hernández.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Arte - Educação. 2. Ensino fundamental. 3. Práticas circenses - Palhaçaria. I. Strazzacappa Hernández, Marcia Maria. II. Título.

UFPB/BC

CDU 7:37(043)

AGRADECIMENTOS

Gratidão, essa é a palavra que me representa nesse momento de caminhada acadêmica. Primeiro agradeço a Deus, que me guiou e iluminou nos momentos difíceis.

Em memória, a minha mãe Julieta Rodrigues dos Santos, que partiu aos 75 anos após a alegria de me ver concursada em 2008, um sonho realizado através da sua filha caçula. Ao meu pai, Inácio Rodrigues dos Santos, que nos deixou em janeiro de 2022, aos 95 anos, uma dor que não esperava, pois queria ter sua presença no encerramento desta formação.

Aos meus filhos, Luan Rodrigues, que nasceu na minha conclusão da graduação e tive a alegria de retornar a UFPB junto com ele na sua primeira graduação. A minha filha Dandara Rodrigues pela parceria, paciência e carinho na hora do surto acadêmico.

A meu companheiro Sérgio Bastos, que muito me incentivou e louvou a Deus para acalmar meu coração nos momentos de surto emocional.

Agradeço a parceria da ONG Maré, que sempre me incentivou a estudar e buscar minha pós-graduação, destacar aqui a marinheira Ailza Freitas, coordenadora do Projeto Onda de Estudos, aguçou meu lado pesquisadora. E a marinheira Roberlene Oliveira que resolveu fazer essa pós junto comigo, foi maravilhoso tê-la ao meu lado, surto em dupla dói menos.

A família E.M. Aruanda, obrigada a cada criança e aos pais que acreditaram e apoiaram minha pesquisa, em especial àquelas que foram no contraturno para darmos continuidade aos estudos devido à reforma da escola. À gestão que não mediu esforços desde o início dessa jornada.

Sou grata à Joseane Pereira (Rosa) pela parceria e amizade, que ao me ver surtando por falta de lugar para dar continuidade a minha pesquisa, dialogou com seus gestores e abriu as portas da Biblioteca Indústria do Conhecimento da Praça da Paz, que fica ao lado da escola.

À turma de mestrandos, alguns amigos de longa data e outros que a virtualidade dessa pós fez diminuir a distância.

Aos professores e professoras do PROF-ARTES (UFPB), pelo olhar atento, cuidadoso e incentivador, nos abrindo portas de saberes valiosos e agregadores para nosso aprendizado.

À Marcia Strazzacappa pela segurança e acolhida diante de tantas dúvidas e incertezas, uma inspiração em forma de pessoa, um olhar seu, uma palavra dita, já me faziam levantar a cabeça e seguir cheia de vontade de mergulhar nos seus ensinamentos.

À Adilson Ledubino e a José Tonezzi por aceitarem compor a banca, suas contribuições e observações foram essenciais para fruição dessa escrita.

Ao Fernando Abath e Ailza Freitas por aceitarem compor a banca como suplentes, é sempre gratificante poder contar com amigos que vibram com nossas vitórias e conquistas, nos incentivando a mergulhar nos estudos e escrita.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento e incentivo aos estudos e pesquisa como bolsista Prof-Artes.

Quando estou construindo bolas com minhas meias.
Por favor, não diga que estou bagunçando as gavetas.
Porque estou adaptando minhas aulas de circo para meus educandos em suas casas.

Quando estou me equilibrando sobre uma corda.
Por favor, não me diga que estou pirando.
Porque estou levando meus educandos a testarem seus equilíbrios e desequilíbrios nas alturas,
sem saírem do chão.

Quando você me ver reciclando sacolas plásticas.
Por favor, não me julgue ter mudado de profissão.
Apenas, adaptando os materiais para a realidade dos meus educandos, deixando flutuar sua
imaginação de malabaristas.

Por favor, não me julguem por estar sempre brincando e ressignificando meu brincar.
Porque dessa maneira, consigo ficar mais próxima das crianças e é para elas que ensino e
aprendo, num eterno trocar.

Marinalva Rodrigues dos Santos
(Provocação poética a partir do poema “Apenas brincando” de Anita Wadley)

RESUMO

O circo na escola é um mecanismo de diálogo pedagógico na perspectiva de fortalecimento da aprendizagem em Artes Cênicas e uma nova possibilidade de atrair o educando para o fazer artístico através de uma prática com a cultura circense. O presente estudo analisa a inclusão de atividades circenses na disciplina de Arte no Ensino Fundamental por meio da ação de uma professora palhaça. As práticas circenses neste projeto são abordadas como um conhecimento ou reconhecimento corporal diante das propostas apresentadas por meio de problematizações que estimulam a capacidade criativa dos educandos, dialogadas, exploradas durante as aulas práticas e rodas de conversas, contribuindo para a formação de um educando crítico, capaz de agir e interagir em seu meio social. São igualmente analisados o brincar, a consciência corporal e a ludicidade existentes na linguagem circense para um melhor desenvolvimento e participação do coletivo em sala de aula, com ênfase nas regras de convivência e riscos mínimos que possam existir no jogo apresentado e praticado. O objetivo deste trabalho não é evidenciar e aprofundar a pesquisa acerca da prática pedagógica do circo no âmbito escolar, sinalizando como mais um caminho disponível a ser percorrido, sem esgotar as diversas formas de aprender.

Palavras-chave: Ensino de Arte; Circo na Escola; Professora Palhaça.

ABSTRACT

Circus in school is a pedagogical dialogue mechanism in the perspective of fortification learning in Performing Arts and a new possibility of attracting the student to the artistic make through a practice with circus culture. The present study analyzes the inclusion of circus activities in the Art discipline in Elementary Education through the action of a clown teacher. Circus practices in this project are approached as body knowledge or recognition in the face of the proposals presented through problematizations that stimulate the creative capacity of the students, discussed, explored during practical classes and dialogue circle, contributing to the formation of a critical educate, capable of acting and interacting in their social environment. Playing, body awareness, and playfulness in the circus language are equally analyzed for better development and participation of the collective in the classroom, with emphasis on rules of coexistence and minimum risks that may exist in the presented and practiced game. The objective of this work is not to exhaust the various forms of learn, but to evidence and deepen the research on the pedagogical practice of circus in the school context, signaling as yet another available path to be traveled.

Keywords: Art Teaching; Circus at School; Professor Clown.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Biblioteca Indústria do Conhecimento, área externa.....	12
Imagem 2 - Contação de História. Prof. Marinalva Rodrigues, turma de 2º ano da Escola Aruanda. Biblioteca Indústria do Conhecimento.....	13
Imagem 3 – Entrevista. Marinalva Rodrigues e Djalma Buranhém. Residência do entrevistado.....	17
Imagem 4 – Espetáculo: O sítio do pica-pau amarelo, direção de Roberto Cartaxo. Em cena, “in memória” Marcos Pinto e Marinalva Rodrigues. Teatro Santa Roza.....	20
Imagem 5 - Espetáculo: A menina e o palhaço, direção de Everaldo Vasconcelos, Projeto Escola. Em cena: Marinalva Rodrigues e Ismália Fischer.....	20
Imagem 6 - Emília junto aos membros da Banda Marcial da Escola São Rafael, Escola São Rafael, João Pessoa, PB.....	21
Imagem 7 - Produção de Swing na Colônia de Férias "Brincadeira não tem hora", Grupo Amarelo. Balneário Associação dos Auditores Fiscais do Estado da Paraíba, João Pessoa, PB.....	23
Imagem 8 - Maquiagem de palhaços na Colônia de Férias "Brincadeira não tem hora", Grupo Vermelho, Palhaça Kika ao centro e trajando camisetas roxas, monitores. Balneário Associação dos Auditores Fiscais do Estado da Paraíba, João Pessoa, PB.....	24
Imagem 9 - Pernas de pau na Colônia de Férias "Brincadeira não tem hora", Grupo Azul, Balneário Associação dos Auditores Fiscais do Estado da Paraíba, João Pessoa, PB.....	24
Imagem 10 - Casamento no Circo, Montagem Circus, João Pessoa, PB.....	26
Imagem 11 - Sala de Vicência, portas centrais de depósito e camarim, porta lateral de entrada. Escola Municipal Aruanda, João Pessoa, PB.....	32
Imagem 12 - Sala de Vivência, três lados de espelhos e barras fixas para balé. Escola Municipal Aruanda, João Pessoa, PB.....	33
Imagem 13 - Auditório. visão da plateia sob o palco. Escola Municipal Aruanda, João Pessoa, PB.....	33
Imagem 14 - Auditório, visão do palco pela plateia. Escola Municipal Aruanda, João Pessoa, PB.....	34
Imagem 15 - Circuito Circense no Ginásio de Esportes da Escola Municipal Aruanda.....	35
Imagem 16 - Exposição de painéis do projeto O circo na Aruanda. À esquerda, professora trajando figurino de animadora circense, uma roupa de Kika para não assustar os que têm medo de palhaço.....	37

Imagem 17 - Criação do palhaço, turma em círculo, prof. Marinalva Rodrigues à esquerda de camisa cinza, no centro roupas e adereços espalhados, Sala de Vivência, Escola Municipal Aruanda.....	38
Imagem 18 - Cena individual de palhaço com plateia, local, Sala de Vivência, Escola Municipal Aruanda.....	39
Imagem 19 - Aula de perna de pau, entrada da Escola Municipal Aruanda.....	40
Imagem 20 - Apresentação de perna de pau, local, Ginásio da Escola Municipal Aruanda.....	41
Imagem 21 - Encerramento do Projeto o Circo Chegou, convidado Palhaço Suvelão, Ginásio da Escola Municipal Aruanda.....	42
Imagem 22 - Divulgação do espetáculo: O Circo chegou nas Redes Sociais. Ao fundo, Palhaça Kika.....	43
Imagem 23 - Debate do espetáculo O Circo chegou no XXIII Festival de Teatro, Dança e Circo do Estudante, à esquerda, a funcionária do Teatro Sanzia Márcia debatendo com a prof. Marinalva e seus educandos/artistas, Teatro Lima Penante, João Pessoa, PB.....	44
Imagem 24 - Panfleto de divulgação do Festival Somos Muites.....	45
Imagem 25 - Circuito Circense, Prof. Marinalva no centro explicando as etapas, Turmas 5º ano A/B, Ginásio da Escola Municipal Aruanda.....	47
Imagem 26 - Circuito Circense, vivências por ilhas, turmas 5º A/B, Ginásio da Escola Municipal Aruanda.....	48
Imagem 27 - Jogo de futebol de tecido, turma focal. Biblioteca Indústria do Conhecimento.....	49
Imagem 28 - Jogo Terra/Mar, turma focal. Biblioteca Indústria do Conhecimento.....	50
Imagem 29 - Jogo de observação e foco com bolas, turma focal. Biblioteca Indústria do conhecimento.....	51
Imagem 30 - Jogo de foco no formato plateia, turma focal. Biblioteca Indústria do conhecimento.....	52
Imagem 31 - Registro no diário de bordo.....	53
Imagem 32 - Jogo de observação corporal, grupo focal. Biblioteca Indústria do conhecimento.....	54
Imagem 33 - Pêndulo humano, grupo focal. Biblioteca Indústria do conhecimento.....	55
Imagem 34 - Prato de equilíbrio, grupo focal. Biblioteca Indústria do conhecimento.....	56
Imagem 35 - Registro no diário de bordo.....	57

Imagem 36 - Jogo do espelho com plateia. Biblioteca Indústria do conhecimento.....	58
Imagem 37 - Pirâmide de três. Biblioteca Indústria do conhecimento.....	59
Imagem 38 – Rola-rola. Biblioteca Indústria do conhecimento.....	60
Imagem 39 - Mímica em dupla. Biblioteca Indústria do conhecimento.....	61
Imagem 40 - Confeção das bolas de malabares. Biblioteca Indústria do conhecimento.....	62
Imagem 41 - Bolas de malabares prontas. Biblioteca Indústria do conhecimento.....	62
Imagem 42 - Desenho da maquiagem de palhaço. Biblioteca Indústria do Conhecimento.....	63
Imagem 43 - Caminhada do palhaço. Biblioteca Indústria do Conhecimento.....	64
Imagem 44 - Caixa de histórias e cartão com história.....	65
Imagem 45 - Cenas de palhaço com plateia.....	65
Imagem 46 - Material para maquiagem de palhaço.....	66
Imagem 47 - Maquiagem de palhaço. Biblioteca Indústria do Conhecimento.....	67
Imagem 48 - Cenas de palhaço. Biblioteca Indústria do Conhecimento.....	68
Imagem 49 - Apresentação dos fantoches. Biblioteca Indústria do Conhecimento.....	70
Imagem 50 - Apresentação dos grupos e seus fantoches, turma 4º B. Sala de Vivência.....	71
Imagem 51 - Panfleto de divulgação.....	72
Imagem 52 - Cena do espetáculo “Brincando de Circo”. Teatro Lima Penante.....	73
Imagem 53 - Panfleto de divulgação.....	74
Imagem 54 - Cartinhas e desenho da Kika.....	77
Imagem 55 - Primeiro dia de aula, Escola Municipal Aruanda, turma 1º ano.....	78
Imagem 56 - Maquiagem de palhaço, grupo focal. Biblioteca Indústria do Conhecimento.....	79
Imagem 57 - Montagem e maquiagem da Palhaça Kika na Escola Municipal Aruanda.....	80
Imagem 58 - Releitura circense do Abaporu de Tarsila do Amaral, turma 5º ano.....	81
Imagem 59 - Encerramento do Projeto O Circo Chegou.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 QUANDO O CIRCO CHEGOU EM MINHA VIDA	15
2 QUANDO O CIRCO ENTROU NA ESCOLA.....	288
2.1. O Circo e suas multidisciplinaridades de ensino	288
2.2. O Circo na Aruanda.....	322
2.2.1. A gênese	322
2.2.2. Desafios e conquistas	366
3 QUANDO A PALHAÇA KIKA ENTROU NA SALA DE AULA.....	766
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	866
REFERÊNCIAS	900
ANEXOS.....	933
APÊNDICE	955
ENTREVISTA COM DJALMA BURANHÉM	1011

INTRODUÇÃO

Há alguns anos, ensinando como educadora de circo em cursos particulares e em colônias de férias e, mais recentemente, como professora na escola regular, levando atividades circenses para as aulas de Arte, levantei as seguintes questões: Poderiam as atividades circenses fazerem parte das metodologias de ensino em Arte? O circo na escola poderia ser um mecanismo de diálogo pedagógico na perspectiva de fortalecimento da aprendizagem em Arte?

A presente pesquisa almeja analisar as contribuições da realização de práticas circenses na disciplina de Arte, visando estudar o diálogo existente entre uma professora-palhaça e seus/suas estudantes. Os sujeitos e o lócus da pesquisa são crianças de 09 a 11 anos de idade, das turmas dos 4º e 5º ano da E.M. Aruanda, no município de João Pessoa, PB.

Ao levar técnicas circenses por meio de uma palhaça nas aulas de Arte na escola de educação formal, como conteúdo das aulas de Arte, percebi que o foco de atenção dos(as) educandos(as) mudou e que a motivação, a curiosidade e a atratividade pelas aulas aumentaram. O que teria provocado essas mudanças? As práticas circenses no projeto não são limitadas ao âmbito da diversão, mas abordadas como um conhecimento ou reconhecimento corporal diante das propostas dialogadas, exploradas durante as aulas práticas e rodas de conversas, contribuindo para a formação de um educando crítico, capaz de agir e interagir em seu meio social. As questões trabalhadas nas aulas são apresentadas por meio de problematizações que estimulam a capacidade criativa dos educandos.

Trata-se de uma pesquisa participante, com sua abordagem qualitativa, focando no fazer, experienciar, recriar e ressignificar, trazendo como um dos eixos os preceitos do circo social. Segundo Gallo (2018, p. 20), “Circo Social é um fenômeno no qual são utilizadas as disciplinas circenses como instrumento de educação, formação e ação social”, buscando entender a diversidade, as maneiras de aprendizagem, promovendo interações corporais permeadas de intencionalidades criativas, dinâmicas e desafiadoras que promovam o desequilíbrio para a descoberta e construção da socialização do grupo focal.

Foram realizadas vivências no decorrer das duas aulas semanais do grupo focal, porém, devido à reforma na escola e ao fechamento da sala de vivência, abrimos inscrições para os educandos que pudessem vir no horário da tarde, devido as aulas da turma serem no horário da manhã, tendo uma adesão de quinze crianças, sendo seis meninas e nove meninos. Foram realizados nove encontros durante três semanas do mês de maio, às segundas, quartas e

sextas, no horário das 15h às 17h na sala da Biblioteca Indústria do Conhecimento, que fica na Praça da Paz, próxima a nossa Unidade de Ensino.

Imagem 1- Biblioteca Indústria do Conhecimento, área externa.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022)

As vivências estão interligadas com as competências citadas nas Artes Integradas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que são: “Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte”. Foram realizados registros fotográficos e vídeos das diferentes etapas.

A Biblioteca Indústria do Conhecimento é um espaço idealizado pelo SESI (Serviço Social da Indústria). Passou um tempo fechada ao público. Para reabrir, foi realizado em 2020 uma parceria com a SEDEC (Secretaria de Educação e Cultura Municipal de João Pessoa) que disponibilizou funcionários do CECAPRO (Centro de Capacitação e Formação de professores) para que seu horário de funcionamento fosse restabelecido. O local vem se destacando diante da comunidade que frequenta a Praça da Paz para lazer, caminhada, piqueniques com seus filhos e bares. Por ficar próxima a Escola Aruanda, desde 2021, temos feito parcerias trazendo nossos educandos para participar de oficinas e aulas diferenciadas no seu espaço.

Imagem 2 - Contação de História. Prof. Marinalva Rodrigues, turma de 2º ano da Escola Aruanda. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2021).

Este texto está dividido em três partes. No primeiro capítulo, apresento um pouco do meu memorial, das minhas vivências com as Artes Cênicas, a entrada na universidade, e principalmente, quando o circo entrou na minha vida. Reconheço a importância da minha passagem pelo Projeto Social Circo Escola Pirilampo, administrado pelo mestre da terceira geração da família Buranhém de circo tradicional, o Sr. Djalma Buranhém, a quem tive o privilégio de entrevistar e ver os álbuns de fotos do seu circo no auge e do seu projeto após o fechamento do circo. Muitos artistas de trupes de circo-teatro da cidade de João Pessoa tiveram acesso às técnicas circenses através do ensino do Sr. Djalma ou por ex-alunos(as) dele.

Trago ainda a criação da Palhaça Kika e sua ligação direta com o meu processo de ensino da prática circense nas colônias de férias e depois a sua entrada na escola trazendo a linguagem circense para somar no Ensino-aprendizagem de Arte na escola regular. Essa mistura da professora/palhaça teve um reconhecimento por parte das crianças que começaram a me chamar de Tia Palhaça. A Kika conquistou seu espaço diante das turmas e a Marinalva aprendeu a somar com ela, criando uma comunicação performativa, onde mesmo ela não estando com sua vestimenta de palhaça, está com a sua energia e alegria contagiante.

No segundo capítulo, trago no primeiro tópico a contextualização teórica, dialogando com Castro (2005) ao apontar a importância da primeira escola de circo em São Paulo que teve a participação dos circenses tradicionais. Com Gallo (2018) dialogo sobre a função e importância do circo social nos projetos nas comunidades, valorizando a cooperação e formação do indivíduo nos seus múltiplos aspectos, cujo pensamento é reforçado no verbete

de Circo Social construído pela Rede Circo do Mundo/Brasil. Como também, os apontamentos de Bortoleto, Barragán e Silva (2016) que, trazem as contribuições das artes circenses para os aprendizes no seu preparo físico e emocional, no aumento da concentração e na prontidão para a cena. Apresento, ainda neste capítulo teórico, no segundo tópico, a Escola Municipal Aruanda e a riqueza do seu PPP (Projeto Político Pedagógico), que está fundamentado numa perspectiva sociointeracionista, na qual os indivíduos são considerados sujeitos transformadores. Em seguida, trago a proposta apresentada para o projeto de circo e seu desenvolvimento que culmina com a pesquisa desenvolvida durante a prática deste relato de experiência.

No terceiro capítulo, descrevo a chegada da Palhaça Kika na sala de aula, seu processo de conquista e aceitação daqueles que se descreviam temerosos ao estar diante de palhaços, respeitando o momento e desejo de cada um sem ser invasiva ou impondo sua presença. O reconhecimento por parte das crianças ao chamarem de “Tia Palhaça”, personagem performatizado através do olhar dos educandos a partir da junção da professora Marinalva e a Palhaça Kika em sala criou uma energia de alegria, descontração e curiosidade no decorrer da aula.

1 QUANDO O CIRCO CHEGOU EM MINHA VIDA

Sempre fui uma criança curiosa, esperta, desenrolada e aprendi a ler antes de chegar à idade de ingressar na educação formal, porque minha irmã, encostada a mais velha, dava aula de reforço escolar em casa, e ela foi aos poucos me ajudando. Na escola, despertei para o lado da matemática. Gostava de estudar outras formas de chegar ao mesmo resultado ensinado pelo professor, com isso, às vezes, ia ao quadro a pedido do professor para mostrar à turma o processo desenvolvido. Já era o meu lado professora se destacando desde pequena? Ou meu gosto por querer imitar? “O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador e, por imitação, apreende as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado” (ARISTÓTELES, 2003, p.106-107). Seja imitando meu professor de matemática ou minha irmã dando aula de reforço, ambos, de certa forma, me influenciaram.

Eu não tinha conhecimento sobre a arte da imitação, era inconsciente ou instintivo, só vim entender um pouco sobre, quando teve um evento organizado na escola por um produtor local, que, junto com os professores, desenvolveu apresentações de danças, música, teatro e exposição com os educandos. “Experimentar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e, organicamente com ele. Isso significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo” (SPOLIN, 2008, p. 3). Quando os professores trouxeram a proposta para a turma, fiquei curiosa e, ao mesmo tempo, temerosa, por nunca ter participado de eventos culturais. Fui chamada para dublar a música “Prometemos não chorar” de Barros de Alencar. No dia da apresentação, chorei de verdade, foi emocionante, despertando meu interesse pela arte da cena.

Fui convidada pelo irmão de uma colega de turma, que havia me assistido na escola, para participar de uma montagem teatral do texto “A formiguinha que foi à lua” da Zuleika Mello, com o grupo amador do antigo teatro JUTECA¹ (Juventude Teatral de Cruz das Armas), no bairro de Cruz das Armas. Fiquei surpresa e feliz com o convite. Depois de muito pedir, minha mãe me deixou participar, mas, por ser em outro bairro e com as dificuldades financeiras dos meus pais, não pude continuar nos ensaios. Foi uma grande decepção, mas não desisti. Aquela vivência aguçou ainda mais minha curiosidade e interesse pela arte da cena. Procurei no bairro Valentina de Figueiredo, onde eu morava, grupos que desenvolviam atividades teatrais. Encontrei o Grupo Água Viva da Igreja Matriz do Valentina, do qual

¹ JUTECA: foi o primeiro teatro de bairro de João Pessoa, construído na década de 60 pelos próprios moradores de Cruz das Armas.

comecei a participar. Foi uma experiência maravilhosa poder me apresentar para os meus pais e toda a comunidade que frequentava as missas.

Os adolescentes de hoje em dia fazem seus planos, suas metas de estudos, planejam fazer medicina, arquitetura, entre outras formações, que para eles são bem aceitas socialmente e com retorno financeiro garantido depois de formados. Não acho isso ruim, são escolhas. O meu plano na época era entrar na universidade e estudar teatro, ter formação de atriz. Ser professora era uma consequência durante o processo de aprendizagem. No Ensino Médio, optei por fazer o Curso Pedagógico, visando a ensinar como professora polivalente e frequentava as turmas noturnas do científico como ouvinte, para me preparar para o Vestibular na UFPB, concurso seletivo para ingressar nas universidades públicas na época.

Consegui entrar na universidade para o curso de Licenciatura em Educação Artística tendo em vista que ainda não havia o curso de bacharelado em teatro naquela instituição. Mesmo assim, fiquei muito feliz. O conhecimento no campo teatral eu já vinha adquirindo ao atuar em grupos amadores da cidade, visto que o SATED/PB (Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado da Paraíba), só foi criado a partir de 1997, onde os grupos passaram então a ser reconhecidos como profissionais. Tirei minha primeira DRT 533/97, como Atriz, em 17 de fevereiro de 1997, não foi preciso tirar a provisória, porque eu já estava cursando Artes Cênicas na UFPB e o curso foi aceito pela Delegacia Regional do Trabalho como capacitação, junto com as comprovações de atuação nos grupos, cursos e eventos teatrais.

Estar em cena para mim era estar inteira. Procurava entender tudo que envolvia a cena: os bastidores, a técnica, a direção, a produção, gostava de conhecer e entender todo o processo que fazia parte do espetáculo. Essa curiosidade me levou a me apaixonar pela iluminação teatral após uma disciplina chamada "Cenografia", ministrada na época pelo Prof. Me. Everaldo Vasconcelos e foi ele que me indicou para o meu primeiro espetáculo à frente da iluminação e continuo com essa paixão com vários grupos e fixa no Grupo de Teatro Argonautas.

Mesmo sendo um curso de licenciatura, foi de grande importância para minha formação e profissionalização na área teatral, porque os professores também eram artistas, e isso fazia a diferença. Próxima à conclusão do curso, fui aprovada como bolsista do CNPq para participar do Projeto de Iniciação Científica intitulado "Arte e Transfiguração da Realidade: Teatro, Dança e Folguedos Populares na Paraíba (1970-2000)", sob a coordenação do Profº Dr. Paulo Roberto Vieira de Melo. Dentro do Projeto de Iniciação Científica, fizemos

um levantamento histórico acerca de espetáculos, grupos e teatros ativos no período de trinta anos consecutivos, representando um verdadeiro mergulho no passado, que me fez despertar para a história do teatro paraibano.

No segundo ano na universidade, comecei a lecionar Arte em dois espaços distintos: na escola pública, como prestadora de serviço, e na escola particular, com carteira assinada. Foi essa prática que despertou em mim a necessidade de voltar para fazer outra graduação em Artes Visuais, devido à demanda polivalente do ensino de Arte nas escolas. Não cheguei a concluir o curso, porque a intenção era apreender os conteúdos para um melhor desenvolvimento prático e teórico nas minhas aulas.

Durante essa segunda graduação, tive a oportunidade de junto com outros estudantes da UFPB, fundarmos a Cia de Circo e Teatro Lua Crescente. Na trupe, estudamos e desenvolvemos técnicas circenses variadas e trabalhamos em eventos e festivais pela cidade. O contato com o circo mudou meu foco de estudos e trabalho, ampliando meu interesse e curiosidade por essa área tão encantadora. O grupo resolveu buscar conhecimentos com o mestre Djalma Buranhém, artista e ex-dono de circo itinerante de que faz parte, segundo Mendes (2020, p. 11), “da terceira geração da família circense Buranhém, fundou e coordenou, a partir de 1994, o Circo Escola Pirilampo, em João Pessoa - PB, junto com seu filho Djaelson e sua filha Cristina Buranhém, por 12 anos”. Ele nos recebeu de braços abertos. Todo o grupo pôde acompanhar as aulas da sua turma no Circo Escola Pirilampo.

Imagem 3 - Entrevista. Marinalva Rodrigues e Djalma Buranhém. Residência do entrevistado.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Ao entrevistar o Sr. Djalma Buranhém (2022)², ele relata que ao parar as atividades do seu circo, se deparou com uma realidade vergonhosa na cidade de João Pessoa, onde tem residência, devido a quantidade de meninos roubando e pedindo dinheiro no meio da rua. Ele propõe ao Governo Estadual montar uma Escola de Circo, onde iria preparar esses jovens para uma profissão de vida. Comprou uma pequena lona e convidou a comunidade para uma reunião apresentando a proposta para as famílias que aceitaram de imediato. O Circo Escola Pirilampo deu certo. Os circos de São Paulo começaram a ligar, perguntando se ele podia enviar os meninos daqui. E assim, hoje em dia ele nem sabe por onde andam os jovens que saíram e nunca mais voltaram, que se profissionalizaram e ganharam o mundo pelos circos.

Foi uma experiência inesquecível poder vivenciar na prática o ensino do circo sob a lona, com as técnicas desenvolvidas pelo mestre Djalma Buranhém, seguindo sua tradição circense. Vivenciei aulas no trapézio de voo³, tecido acrobático⁴, corda indiana⁵, arame⁶, malabares⁷, bola de equilíbrio⁸, acrobacia⁹, ainda cheguei a participar de uma apresentação como Partner¹⁰ do Mágico. Com meus horários no trabalho e estudos tive que me afastar tanto do grupo quanto das aulas de circo, mas guardo na minha memória corporal um aprendizado que me acompanha e ajuda no desenvolvimento das aulas que ministro na atualidade.

Após essa experiência no Circo Escola Pirilampo, Diocélio Barbosa, também aluno do curso, e eu fomos chamados para o Projeto de Extensão Circo na Escola pela PROBEX-UFPB, coordenado pelo Profº Dr. Carlos José Cartaxo, que ocorreu na Escola Aruanda e na Aldeia SOS. Esse projeto culminou com o espetáculo “A vendedora de sonhos”, com roteiro escrito por mim, a partir do processo das oficinas ministradas durante o projeto e dirigido pelos dois bolsistas com crianças das duas escolas.

² A entrevista completa encontra-se no anexo deste trabalho, página 101.

³ Trapézio de voo, a modalidade mais comum – e possivelmente a mais difícil e perigosa – na qual o artista salta de um trapézio a outro, ou até as mãos de um portô devidamente posicionado numa plataforma.

⁴ Tecido acrobático, modalidade aérea circense realizada com dois longos tecidos, presos no alto. Exige flexibilidade, agilidade, força muscular e leveza na apresentação do artista para que se crie movimentos e se alcance diversas alturas com o tecido.

⁵ Corda indiana, corda giratória, pendurada no alto, em que o artista sobe executando movimentos de demonstração de flexibilidade e força, em parceria com o portô.

⁶ Arame, cabo de aço tensionado, em cima do qual o artista realiza números de equilíbrio.

⁷ Malabares, jogo ou espetáculo em que se fazem habilidades de equilíbrio, destreza e acrobacia na manipulação de objetos.

⁸ Bola de equilíbrio, confeccionadas em fibra de vidro e podem medir de 60 a 120 centímetros de diâmetro, com peso variante de 9 a 35 quilos. Importante ressaltar que existe uma relação proporcional do tamanho e peso do aparelho com a estabilidade oferecida em situação de equilíbrio.

⁹ Acrobacia, conjunto de movimentos ou gestos que demonstram destreza e agilidade, para além de hábitos ou modelos normais.

¹⁰ Partner, acompanha e ajuda os artistas durante as suas apresentações e exibições. Apesar de não estar “à frente” do número, é essencial ter noção da arte e do próprio espetáculo.

O teatro e o circo sempre caminharam juntos na minha história desde 2000. Um grande exemplo disso é a criação da minha Palhaça Kika. Inspirada na boneca Emília, tagarela, sapeca, esperta e molequinha. Interpretei essa personagem de Monteiro Lobato no espetáculo "O sítio do pica-pau amarelo", com direção de Roberto Cartaxo.

Imagem 4 - Espetáculo: O sítio do pica-pau amarelo, direção de Roberto Cartaxo. Em cena, “in memoriam” Marcos Pinto e Marinalva Rodrigues. Teatro Santa Roza.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2000).

Imagem 5 - Espetáculo: A menina e o palhaço, direção de Everaldo Vasconcelos, Projeto Escola. Em cena: Marinalva Rodrigues e Ismália Fischer.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2001).

Já o seu nome tem origem num personagem que interpretei no espetáculo “A menina e o palhaço”, de Everaldo Vasconcelos. A menina Kika, que era filha do palhaço, não queria ser palhaça como o pai, e sim professora. Por isso, escolhi esse nome e pedi autorização ao autor do texto e criador da personagem, para usar esse nome na minha palhaça. No espetáculo “Sítio do Picapau Amarelo”, o figurino da boneca Emília era de retalhos. Em 2001, a emissora Rede Globo de televisão lançou uma nova versão da clássica história do Monteiro Lobato, que caiu no gosto das crianças. Eu já havia deixado o elenco do espetáculo e fui chamada por algumas empresas comerciais e escolas para fazer animações de Emília, reproduzindo a versão da televisão.

Imagem 6 - Emília junto aos membros da Banda Marcial da Escola São Rafael, João Pessoa, PB.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2002).

Essa minha aproximação da boneca Emília com as crianças foi essencial, algumas vezes levava ela para a escola e era um momento mágico. As crianças ficaram encantadas, até me beliscavam para saber se era de pano mesmo, depois, riam e cochichavam: “Não é de pano... é só uma fantasia!” E quando descobriram que era sua professora de Arte, faziam uma festa e só queriam saber de brincar.

Aos poucos, foi surgindo outra boneca, mais alusiva ao circo, seu figurino era uma jardineira nas cores azul, amarelo, vermelho e verde, trançada com linhas de crochê preta como se fosse alinhavada, uma saia de tule para armação, uma roupa básica rosa e sapatilha. O surgimento dela foi a pedidos para as festas e eventos que não queriam a boneca Emília,

que já havia saído do gosto popular. Essa boneca foi a primeira versão da Palhaça Kika e foi com ela que comecei a desenvolver um projeto escola, visando fomentar o teatro com criação de plateia nas escolas, levando os alunos ao teatro e às vezes levando o espetáculo para dentro das escolas¹¹.

Em 2010, fui chamada por Kleber Marone, diretor da Cia de Circo e Teatro Lua Crescente, para participar de sua mais nova montagem concebida só com mulheres palhaças: “As Engraxadinhas”. Retornar ao grupo com essa montagem foi essencial para o crescimento de minha Palhaça Kika. Com a trupe, fizemos turnês por várias cidades paraibanas, participamos de importantes festivais, como “Anjos do Picadeiro”, no Rio de Janeiro. Tive contato com vários palhaços nacionais e internacionais, criando um leque de conhecimentos e despertando minha curiosidade acerca dessa área até então nova para mim: a palhaçaria.

Segundo Reis (2013), a palhaçaria se tornou tema de estudos a partir da relação do próprio ouvinte.

Relação com a leitura do espectador dos meus [seus] próprios números. Como operar com a imaginação do palhaço? E como a dinâmica criativa da comicidade do palhaço em cena afeta, estimula, e tem impacto na imaginação e percepção do espectador? Do ponto de vista artístico é este o lugar crítico que incide na dramaturgia do palhaço (REIS. 2013, p.81).

Venho tentando desenvolver nos meus educandos, esse impacto na imaginação e percepção do espectador, não no sentido de espetáculo, mas sim, de uma forma mais performativa, na relação diária, tendo a alegria como eixo temático diante das atividades.

Foi após minha participação nos festivais de palhaçaria que comecei a estudar e a me aprofundar no tema a partir das oficinas com o(a)s palhaço(a)s: Biribinha (Teófanés Silveira), Teotônio (Ricardo Puccetti), Mafalda (Andréa Macera), As Marias da Graça, Chacovachi (Fernando Cavarozzi), Xuxu (Luis Carlos Vasconcelos), Jasmim (Lily Curcio), Cavaleira (Nyka Barros), Roberta Casa Nova e Joice Aglae. Considero todos e todas acima como grandes mestres e mestras que contribuíram com seus saberes na minha pesquisa e desenvoltura da minha Kika.

Em 2012, fui chamada para ministrar uma oficina de confecção de brinquedos populares usando os materiais que faziam parte do contexto praia na colônia de férias “Brincadeira não tem Hora”, no Balneário AFRAFEP (Associação dos Auditores Fiscais do Estado da Paraíba), que fica localizada na Praia da Penha. Adaptei a proposta para a

¹¹ Este projeto foi uma parceria junto ao Grupo de Teatro Argonautas, que conheci após assistir o seu espetáculo “Os três Porquinhos” no Teatro Ednaldo do Egypto, 2005.

confeção de brinquedos circenses. Foi uma rica experiência. A organização gostou da proposta circense e, nos anos subsequentes, me chamaram para ministrar oficinas de circo.

Imagem 7 - Produção de Swing na Colônia de Férias "Brincadeira não tem hora" Grupo Amarelo. Balneário Associação dos Auditores Fiscais do Estado da Paraíba, João Pessoa, PB.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2012).

As oficinas na colônia de Férias ocorriam sempre no mês de janeiro. Em 2015, ano da última colônia de férias, tive uma participação mais intensa, pois fui convidada como Palhaça Kika para fazer a animação de todo o evento, como mestre de cerimônia, sendo ela que ministrou a oficina, deixando boas lembranças. Por se tratar de um balneário, as oficinas contaram com a participação de crianças e adolescentes de vários lugares do Brasil, não só oriundas/os de João Pessoa, devido à presença das pessoas que ali estavam hospedadas.

Imagem 8 - Maquiagem de palhaços na Colônia de Férias "Brincadeira não tem hora", Grupo vermelho, Palhaça Kika ao centro e trajando camisetas roxas, monitores. Balneário Associação dos Auditores Fiscais do Estado da Paraíba, João Pessoa, PB.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2015).

Imagem 9 - Pernas de pau na Colônia de Férias "Brincadeira não tem hora", Grupo Azul. Balneário Associação dos Auditores Fiscais do Estado da Paraíba, João Pessoa, PB.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2015).

Ainda em 2015, pude presenciar uma vitória da nossa classe circense paraibana que foi a inauguração da Escola Livre de Circo Djalma Buranhém na Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego (FUNESC), um sonho do Fórum Paraibano de Circo concretizado por intermédio da Gerência de Circo do Governo do Estado. Fiz matrícula na primeira turma de nível intermediário acompanhando meu filho. Evidentemente não tinha o pique de um adolescente. Meu foco estava em adquirir saberes para adaptar para minhas aulas. O professor entendeu meus objetivos e aprofundou o trabalho numa partitura corporal para minha palhaça que resultou no espetáculo Mix.

Em 2016, continuei frequentando a turma intermediária e fui convidada para assumir a turma do curso de férias para crianças e em seguida o curso trimestral de Circo em Família, um trabalho que envolvia as crianças e seus responsáveis, um aprendizado muito prazeroso, tanto para quem fazia a oficina como para quem ministrava. O objetivo da oficina era reforçar a união familiar por meio da ludicidade, das brincadeiras infantis interligadas com as técnicas circenses, trabalhando a parceria entre a criança e seu adulto acompanhante, em que ambos aprendem e desenvolvem padrões de conhecimentos por meio dos seus erros e acertos juntos.

Em 2017, fui chamada pelo professor para assumir a assistência de direção do espetáculo Estações, resultado final da turma intermediária, além da iluminação. Foi uma experiência inesquecível, pois tive que assumir sozinha os ensaios finais devido a um acidente com o professor, uma responsabilidade que me impulsionou a desenvolver espetáculos também com os pequenos.

Em 2018, me afastei da turma adulta, ficando responsável apenas pela iluminação e me dediquei só com as turmas de Circo em Família, no qual montamos o espetáculo “Saia do virtual e venha brincar de circo”, que depois virou um artigo escrito por mim.

Chamamos a atenção dos pais, que muitas vezes vivem conectados sua maior parte do tempo e terminam por deixar de lado seus filhos, que pedem atenção, e não são percebidos, porque estão sendo imperceptivelmente trocados pelas redes sociais, colocamos em cena pais ligados no celular e os filhos chamando-os para brincar com eles, as crianças ficam tristes, surge a Palhaça Kika que convida as crianças para brincar, depois ela busca tirar os pais dos celulares para interagir com as crianças através da linguagem circense e eles começam a se divertirem longe dos seus celulares e ao lado de seus filhos, onde o circo reuniu as famílias, e eles decidem continuar tendo aulas de circo com a palhaça (SANTOS, 2019, p.208).

Fechei este ciclo com a Escola Livre de Circo Djalma Buranhém em 2019 com uma colônia de férias em janeiro, depois veio a pandemia e a escola parou suas atividades, voltando apenas em 2022 com as turmas de adultos.

Não tive a oportunidade de "fugir com o circo", como sonham algumas pessoas, mas tive o privilégio de me casar em um. Como membro do Fórum de Circo da Paraíba e repleta de amigos de longa data que são donos de circo, cientes de que eu só me casaria se fosse num circo, colocaram o espaço à disposição. Na presença de um pastor da Igreja Jovem para abençoar o casal, recordo-me da sensação inesquecível de entrar no circo lotado de amigos que vieram prestigiar a união. Mas o que ninguém esperava é que teria espetáculo após a cerimônia. Os amigos circenses nos presentearam com um lindo espetáculo, que envolveram meus filhos também, Luan fazendo número de tecido e, para minha surpresa, Dandara, que nunca fez nada de circo, entrou fazendo número de acrobacia de solo. As lágrimas não paravam, o coração acelerava a cada evolução. Um sonho que não passou pela minha cabeça que fosse possível realizar. Mas como disse Raul Seixas na música Prelúdio: "Um sonho que sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade".

Imagem 10 - Casamento no Circo, Montagem Circus, João Pessoa, PB.



Fonte: Acervo pessoal, fotografia Andryelle Araújo (2018).

Acredito em sonhos e sou prova viva que eles são possíveis de se realizar, trago essa força e energia para meus educandos, afinal, a educação tem esse poder de transformar sonhos a partir dos estudos e dedicação de cada um. E onde entra a Arte? A Arte faz com que nossa caminhada seja mais alegre, viva, emocionante e principalmente, prazerosa e humanizada.

Após toda essa minha vivência de aprendizagens, sonhos realizados e trocas de saberes circenses, comecei a refletir sobre como meus educandos iriam reagir ao levar o circo

para minhas aulas de Arte. Se o trabalho funcionava muito bem com crianças e adolescentes nas oficinas, por que não desenvolver este trabalho dentro da escola regular? Dentro da minha sala de aula? Com minhas turmas? Mas, será que há experiências anteriores de trabalhos circenses em escolas no Brasil? É o que veremos no capítulo a seguir.

2 QUANDO O CIRCO ENTROU NA ESCOLA

2.1. O Circo e suas multidisciplinaridades de ensino

O circo é considerado um fenômeno multidisciplinar, e cada profissional analisa e estuda a partir de seu ponto de interesse. O artista busca desenvolver as suas performances de forma espetacular e com grande impacto visual e corporal. Já o professor busca nas habilidades circenses quais as manifestações que podem ser adaptadas ao contexto escolar, visando uma metodologia possível de ser socializada e desenvolvida com seus educandos (DUPRAT; GALLARDO, 2010).

No circo itinerante, o processo de formação/aprendizagem do circense é feito por transmissão “de pai para filho”. Aprende-se tudo sobre a vida circense, fazendo, executando e vendo os mais velhos fazerem, uma aprendizagem que parte da oralidade. Os tempos mudaram e os filhos dos circenses também têm acesso às escolas regulares, garantidos pela Lei Nacional 6.533, de 24 de maio de 1978. Na cidade de João Pessoa a Lei 13.733, de 22 de abril de 2019 art. 5º também reforça esse direito assegurado.

Segundo Castro (2005), atualmente, os circenses dos circos itinerantes, estudam nas escolas de ensino básico, como também, foram responsáveis pelas primeiras formações de artistas nas escolas de circo. A primeira escola de circo no Brasil foi a Academia Piolin de Artes Circenses em São Paulo, onde ocorreu uma parceria dos circenses e o governo da época. Os professores eram os grandes artistas que deixaram o circo e vieram ensinar sua arte para os interessados que não vinham de uma linhagem de família circense, visto por alguns como a sobrevivência da arte circense e por outros como o desmembramento e falência do circo.

A aprendizagem nas linguagens circenses é adquirida na sua maioria em escolas de circos ou projetos de circo social. Segundo Gallo:

... a proposta do circo social não é apenas a de desenvolver a técnica circense, nem tampouco formar cidadãos ou alimentar a autoestima. Sua função é propor um trabalho artístico que coopere ativamente para a formação do indivíduo em múltiplos aspectos, incluindo também o campo da “educação da vida”, entendida como a aprendizagem da arte, do bem-estar, do bem viver e do caminho para a sabedoria (GALLO, 2018, p.44).

A partir do momento que se traz para os/as educandos/as a arte circense como uma prática com a qual ele irá valorizar o outro e ser valorizado, são aprendizagens que corroboram para o seu desenvolvimento pessoal e coletivo, sem a intenção de uma formação

profissional e sim vivências com as quais possam aprender com o processo contínuo, valorizando cada etapa sem a necessidade de um resultado final.

O conceito de Circo Social é muito mais do que simplesmente aplicar oficinas de técnicas circenses em projetos sociais. É sim, uma proposta político-pedagógica que aposta no desenvolvimento criativo e na construção da cidadania a partir dos saberes, necessidades e potencialidades das crianças, adolescentes e jovens das classes populares. Hoje, centenas de organizações, nas cinco regiões do Brasil, trabalham com o conceito de Circo Social, servindo como trampolim para a cidadania de milhares de crianças e jovens (ESCOLA PERNAMBUCANA DE CIRCO¹², 2015).

Essa citação foi retirada do Site oficial da EPC construído pela rede Circo do Mundo/Brasil, com o qual tive contato em 2021, durante o curso online intitulado Cirformando, com a equipe de profissionais da EPC e convidados, onde foi abordado o conceito do circo social, seus pilares e o seu fazer artístico.

No âmbito da disciplina de Educação Física, já existem várias pesquisas¹³ que trazem o circo no contexto escolar, geralmente, em projetos ou oficinas com grupos fechados no contraturno, ao horário de estudo da turma.

Ao fazermos um levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações encontramos oito trabalhos realizados nos últimos dez anos que tratam da temática corporeidade circense. Pesquisas realizadas nas áreas de educação, educação física, relacionadas ao corpo e ao movimento, assim como estudo e ensino em representação teatral. Dentre elas podemos destacar a pesquisa intitulada “O corpo e seus sentidos: perscrutando possibilidades no trabalho do Arte-educador circense” (Fonseca, 2018) que investigou os sentidos que os arte-educadores circenses atribuem ao movimento corporal, e como essas crenças se articulam nas suas ações educativas. Encontramos também a pesquisa “Educação na cultura digital, um desafio corporal” (Almeida, 2018), que tem como foco o desenvolvimento e a apropriação do corpo como um importante componente da formação do indivíduo na contemporaneidade. Identificando os pontos de convergência encontrados nesses trabalhos, podemos destacar que nossa proposta apresenta como ponto diferencial o diálogo e corporeidade circense como metodologia de Ensino-aprendizagem em arte.

¹²Leia-se em diante EPC.

¹³ - Circo na Escola: por uma educação corporal, estética e artística / Teresa Ontañón Barragán, Campinas, SP, 2016. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

- Atividades Circenses na Educação Física escolar: uma proposta para a Educação Infantil / Adria Maria Messias. - Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp) - Rio Claro, 2020.

- Boas práticas na educação física catarinense/Conselho Regional de Educação Física de Santa Catarina. - Londrina. Midiograf, 2014.

A criança traz para a aula prática seus saberes culturais, familiares e sociais que estão corporalmente ativos na sua memória corporal. Cabe ao professor mediar esse conhecimento, para que ela fique à vontade e consiga fluir, aprendendo e ensinando. Troca necessária quando se está criando coletivamente.

Estruturar uma prática pedagógica que utiliza a abordagem da corporeidade é respeitar o ser humano na multiplicidade de sentidos e saberes do corpo, é estar em consonância com o ser social que constitui, atua e modifica a sociedade mediante a sua experiência encarnada (ENGEL, MOREIRA, 2020, p. 261).

A arte circense trabalha diretamente com o corpo e seus desdobramentos e intervenções corporais. “Nós somos presença por intermédio do corpo – o corpo é presença, que, ao mesmo tempo, esconde e revela nossa maneira de ser-no-mundo. Essa ambiguidade do corpo é que permite a intersubjetividade (GONÇALVES. 2012, p.102)”. Vendruscolo (2009), por exemplo, afirma:

“Buscamos inserir o universo circense na realidade escolar como um recurso pedagógico, intervindo nas relações de valores, “utilidade” e “inutilidade” social das crianças e, com este delineamento, valorizar a atuação do profissional da educação” (VENDRUSCOLO, 2009, p. 734).

A autora faz um relato de experiências no projeto de extensão “Alegria”, que proporcionou e instigou professores daquela unidade de ensino com propostas pedagógicas que valorizassem o desenvolvimento global dos seus educandos a partir do universo circense.

As artes circenses comprovadamente contribuem para a conscientização e o controle corporal, para o domínio e adequação das emoções no interior do jogo cênico e acrobático e para a integração e socialização dos aprendizes e praticantes das artes cênicas. Dentre as mudanças visíveis no aprendiz de circo estão: o melhor preparo físico e emocional, o aumento da concentração e a prontidão para a cena (BOLOGNESI. 2016, p.35).

Após a introdução das atividades circenses como ferramenta de aprendizagem nas aulas de Arte, as mudanças no comportamento dos educandos foram observadas pelos outros educadores da escola, gestores, família e principalmente entre eles mesmos. Estavam mais concentrados, focados, interessados, participativos, observações trazidas pela família e educadores, após assistirem o encerramento do projeto.

Segundo Hermínia Silva (2016, p.16), “uma arte para sobreviver necessita fazer escola”. Essa frase trazida no seu artigo escrito para o livro “Circo: horizontes educativos” nos traz a importância da produção e reprodução da arte e destaca a linguagem circense como ferramenta no processo pedagógico, por ser uma arte híbrida que interage com as outras linguagens se transforma e é transformadora também. Independente da forma como se deu a

transmissão, o importante é que foram mantidas as características circenses, como um método pedagógico que se destaca como uma produção constante de saberes e fazeres.

Minha inquietação e interesse de trazer essa metodologia para somar no currículo escolar nas aulas de Arte dos anos iniciais do Ensino Fundamental está pautada nesse diálogo entre fazer, apreciar e contextualizar a arte circense. Para um melhor entendimento desse processo metodológico, destaco a Abordagem Triangular da Ana Mae Barbosa, através da escrita da Rizzi ao citar:

As ações básicas da Abordagem Triangular são o Fazer Arte – que se refere ao domínio da prática artística, o Ler Arte – ação que inclui a crítica e estética, o questionamento, promovendo a busca e a descoberta sem operacionalizar o processo, como também evitando o processo adivinhatório da intenção do artista – e o Contextualizar – ação que permite fazer relações com a História da Arte e com outras áreas de conhecimento, atuando no campo da interdisciplinaridade e da multiculturalidade (RIZZI, 1999, p.48/49).

O educando no projeto circense desenvolve ações práticas onde o seu fazer artístico inclui a criação e a improvisação a partir das particularidades interpretativas das técnicas apresentadas e vivenciadas coletivamente. O contato com artistas presencialmente e diante de vídeos e imagens faz com que seu repertório visual e corporal sejam ampliados e consigam criticar e apreciar essa arte. Já a sua contextualização surge a partir da interpretação diante do seu histórico social e cultural que podem influenciar no seu entendimento do conteúdo desenvolvido. Trago ainda para esse diálogo as competências específicas de linguagens do ensino fundamental em Arte, citados na BNCC que visa:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (BRASIL, 2018, p. 61).

Através dessa competência, justifico minha responsabilidade e respeito a cultura circense, aproximando meus educandos dessa arte que faz parte do patrimônio cultural mundial. Aproximando-os dos circos tradicionais que muitas vezes estão instalados próximos às suas casas e eles não têm conhecimento de como eles vivem, apenas assistem os espetáculos, não percebendo que além do seu trabalho, o circo também é a sua moradia, criando a partir daí um elo de respeito e valorização por essa arte e seus artistas. O projeto "O Circo na Escola Aruanda" foi pautado nas competências acima citadas, como veremos a seguir.

2.2. O Circo na Aruanda

2.2.1. A gênese

Sou professora de Arte na Escola Municipal Aruanda localizada nos Bancários, bairro da zona-sul de João Pessoa-PB. A escola foi inaugurada em março de 2000, embora sua construção tenha sido iniciada no final da década de 1990. O nome Aruanda significa: Céu, lugar onde moram os orixás e as entidades superiores. A escola recebeu esse nome em homenagem ao cineasta paraibano Linduarte Noronha por seu filme Aruanda de 1960.

A escola é dotada de um espaço físico excelente. É bem iluminada, ventilada e com boas instalações elétricas e hidráulicas. São 11 salas de aula; uma sala de professores (Espaço Pedagógico); uma sala de recurso; uma sala de apoio ao aluno (SOE); diretoria; secretaria com almoxarifado; sala do cafezinho; biblioteca com depósito; dois laboratório (de ciências e de informática); dois depósitos (para material de consumo e para material de limpeza); cantina, refeitório; banheiros (masculino, feminino e para portadores de necessidades especiais); uma sala multimídia, uma quadra poliesportiva (com banheiros e depósito de material esportivo). Dentre as dependências, destacam-se: 1) a sala de vivência com depósito e camarim e 2) um auditório com depósito.

Imagem 11 - Sala de Vivência, portas centrais de depósito e camarim, porta lateral de entrada. Escola Municipal Aruanda, João Pessoa, PB.



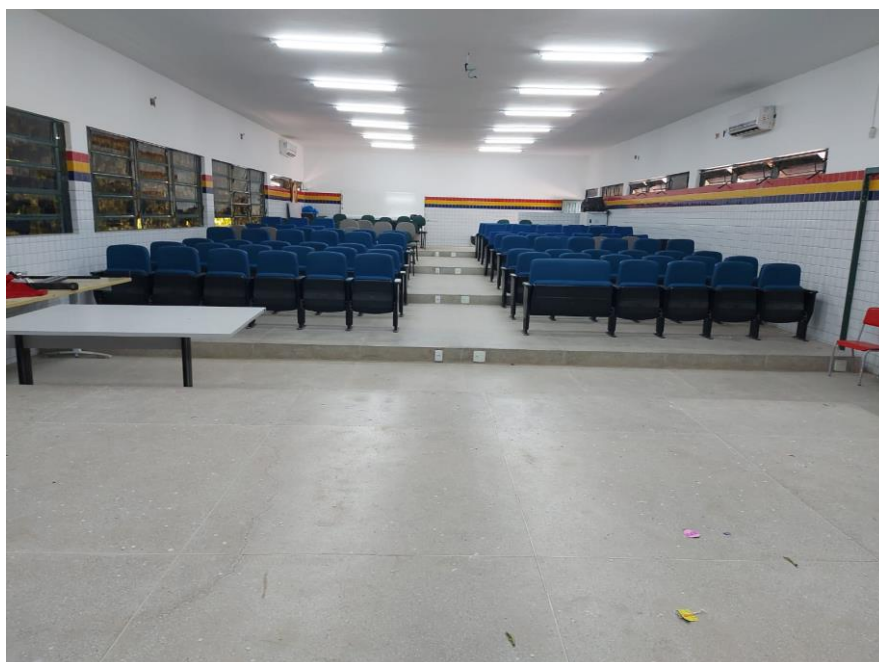
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Imagem 12 - Sala de Vivência, três lados de espelho e barras fixas para balé. Escola Municipal Aruanda, João Pessoa, PB.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Imagem 13 - Auditório, visão da plateia sob o palco. Escola Municipal Aruanda, João Pessoa, PB.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Imagem 14 - Auditório, visão do palco pela plateia. Escola Municipal Aruanda, João Pessoa, PB.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

O Projeto Político Pedagógico¹⁴ da Escola Aruanda está fundamentado numa perspectiva sociointeracionista, na qual os indivíduos são considerados sujeitos transformadores, capazes de construir a sua própria história, na interação com o outro e com o meio em que está inserido. Nesse sentido, a função social desta Escola é proporcionar uma educação integral e de qualidade, despertando a criatividade e criticidade dos educandos, promovendo o processo da formação cidadã, no qual os educandos sejam protagonistas no processo de construção do conhecimento de forma consciente do seu papel na sociedade. Assim sendo, a Escola Aruanda acredita e investe no desenvolvimento das competências que estão postas como pilares da educação: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver.

Para que tais competências sejam desenvolvidas, a Escola Aruanda planeja e organiza suas atividades pedagógicas visando a habilitar os seus estudantes na construção de conceitos, procedimentos e valores indispensáveis à compreensão do mundo contemporâneo, sendo capazes de transformarem, sempre que necessário, a informação em conhecimento.

Diante desse cenário favorável e acolhedor do espaço, propus, então, para a supervisora da escola na época (e desde 2021, nossa Diretora Pedagógica) Prof^a. Dr^a. Samara Wanderley, desenvolver um trabalho de circo na escola. Ela achou a ideia interessante e sugeriu que oferecesse uma oficina dentro da programação do Encontro da Família na Escola.

¹⁴ Projeto Político Pedagógico – PPP da escola na versão de 2019.

Trata-se de um dia especial em que as portas da escola são abertas com várias atividades e oficinas para a integração de toda a família. O trabalho foi bem recebido, com diversão garantida e grande envolvimento das crianças e de seus responsáveis. Estava rompida a barreira dos portões da escola; faltava levar essas vivências para dentro das aulas regulares.

Para analisar o comportamento e interesse dos educandos referente à temática circo durante as aulas de Arte, planejei uma atividade coletiva de forma interdisciplinar com os professores de Educação Física e algumas estagiárias de dança da UFPB e juntos montamos um pequeno circuito circense no ginásio da escola (trata-se de ginásio coberto, com chão de cimento, quadras poliesportivas). Criamos espaços variados, como: colchões para as cambalhotas¹⁵; bolas de malabares¹⁶; swing poi¹⁷; flag bandeira¹⁸; claves¹⁹ e aros²⁰; corda para pular, corda para cabo de guerra; e um espaço para dançar. Dividimos as turmas em pequenos grupos, de acordo com a quantidade de material em cada etapa do circuito.

Imagem 15 - Circuito Circense no Ginásio de Esportes da Escola Municipal Aruanda.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2014).

E foi assim, por meio da realização dessa atividade no ginásio escolar, diante da reação, da participação, da alegria e do interesse das crianças nessa vivência, que a

¹⁵ Cambalhotas - volta que se dá com o corpo, apoiando-se ou não a cabeça, ou as mãos, no chão.

¹⁶ Bolas de malabares - bolas pequenas 63mm, para arremessos e manipulação.

¹⁷ Swing poi - formado por um cordão, com uma bola no fim, terminado em fitas coloridas.

¹⁸ Flag Bandeira - formado por um tecido quadrado ou triangular, com um peso em uma das pontas.

¹⁹ Claves - peças em formato de pera alongada com cabos que lhes servem de apoio.

²⁰ Aros - argolas de plástico resistente e leve.

coordenadora aceitou introduzir as atividades circenses no meu currículo e propôs que fosse durante um bimestre. Foi a partir desse momento que dei início ao projeto denominado “O Circo chegou na Aruanda”.

2.2.2. Desafios e conquistas

O projeto de circo na Aruanda, que foi iniciado em 2015, é executado com todas as turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, onde cada turma estuda uma habilidade circense que melhor se adapte à sua faixa etária, respeitando a capacidade motora e cognitiva. As atividades foram planejadas, dialogadas e definidas com a supervisora escolar. A ideia seria trabalhar o tema do circo ao longo de um bimestre. Foram desenvolvidos os seguintes tópicos:

1. Sondagem de imagens e memórias das crianças sobre circo;
2. Análise e leitura de imagens;
3. Poemas; Espetáculos; Filmes; Desenhos; Pintura; Músicas;
4. Oficinas de confecção de materiais circenses;
5. Oficinas de manipulação de objetos circenses;
6. Maquiagem artística;
7. Visita ao circo;
8. Artistas convidados.

Ao introduzir o tema “Circo” durante a minha aula, fiz um diálogo sobre o tema, com uma sondagem sobre o nível de conhecimento da turma sobre o assunto a partir de algumas questões, como: O que vocês sabem sobre circo? Já foram ao circo? Qual imagem vem à mente quando ouve a palavra circo? As respostas são muito variadas, desde aquelas que acham que circo é um teatro, uma casa de espetáculos, um lugar de palhaços, àqueles que conhecem apenas através da TV. Uma das respostas que me deixaram muito feliz foi ter uma criança que já atuava com sua família de circenses da Trupe de Circo Los Iranzi. De fato, não era a primeira vez que tinha na turma uma criança de circo; afinal, a escola fica ao lado de um grande terreno que muitas vezes recebe circos (cujas crianças, geralmente, são matriculadas para dar continuidade aos estudos), mas, dessa vez, pude ter o privilégio de ter uma artista circense nas aulas do projeto. Após essa introdução, solicitei que trouxessem imagens que para eles representasse o tema circo, para fazermos painéis alusivos às nossas memórias circenses.

Ao trabalharmos memórias, trazemos uma infinidade de histórias e, com elas, aprendizagens que foram vivenciadas individualmente ou de forma coletiva, seja em família, grupos de amigos e na própria escola. Essa troca, falar de si e ouvir a história do outro, é sempre um grande aprendizado que valoriza e melhora a autoestima de cada um, aproximando os educandos através das suas memórias. Os tímidos, no início evitam falar, mas participam atentos e demonstram interesse, embora optem por não falar e são respeitados.

Primeiramente, analisamos as imagens trazidas por cada um. Dentre elas, algumas com a presença de animais, que suscitou uma discussão, afinal, como diziam, “não tem mais animais no circo”, enquanto outros perguntavam: “por que não tem mais animais no circo”? Refiro-me ao Projeto de Lei N.º 1.565, de 2011, que proíbe a utilização ou exibição de animais da fauna silvestre brasileira ou exótica em circos. Esse diálogo é aprofundado de acordo com as perguntas e curiosidades das turmas. Em seguida, foram montados os painéis para exposição das memórias circenses coletivas.

Imagem 16 - Exposição de painéis do projeto O circo na Aruanda. À esquerda, professora trajando figurino de animadora circense, uma roupa da Kika para não assustar os que têm medo de palhaço.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2015).

Uma das atividades com que as turmas mais se divertem é sobre a criação do palhaço. Iniciamos o diálogo falando sobre os tipos de palhaços. Mostro algumas imagens de palhaços brasileiros e internacionais, perguntando: Já viram alguma apresentação de palhaço? O que acharam? Após ouvir suas histórias, propus brincarmos de ser palhaços. Peço para que na próxima aula cada um traga uma peça de roupa que consideram engraçada ou que ficaria engraçada ao usar misturado com outra, podendo trazer também objetos que podem ser usados na construção dos palhaços, como adereços de cena (pente; chupeta) ou adereço de figurino (chapéu, óculos, bandana).

Imagem 17 - Criação do palhaço, turma em círculo, prof. Marinalva Rodrigues à esquerda de camisa cinza, no centro roupas e adereços espalhados. Sala de Vivência, Escola Municipal Aruanda.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2016).

Na sala de vivência, colocamos todas as peças trazidas por eles e por mim no centro da roda, ouço um pouco as histórias daquelas peças, cada um com suas memórias. Proponho que observassem as peças e tentem se ver usando-as. Indico ainda que não se apeguem as que trouxeram, que podem se imaginar com qualquer uma que ali se encontra. Aos poucos, cada um vai pegando uma peça de cada vez ao ser chamado pelo nome. Em seguida brincamos com alguns jogos dramáticos, como: forma de andar, imitar o outro, estátua, espelho, câmara lenta, dentre outros.

Depois, a construção completa do palhaço, que pode ser individual ou em grupo, criando pequenas cenas. Nessa hora, a criatividade toma conta da brincadeira, aqueles mais agitados sempre são os primeiros a querer fazer a cena, e o riso era inevitável, porque eles

exageraram em tudo. Quanto mais riam, mas eles se exibiam. Com isso, aos poucos os outros iam se soltando e fluindo a brincadeira.

Imagem 18 - Cena individual de palhaço com plateia. Sala de Vivência, Escola Municipal Aruanda.



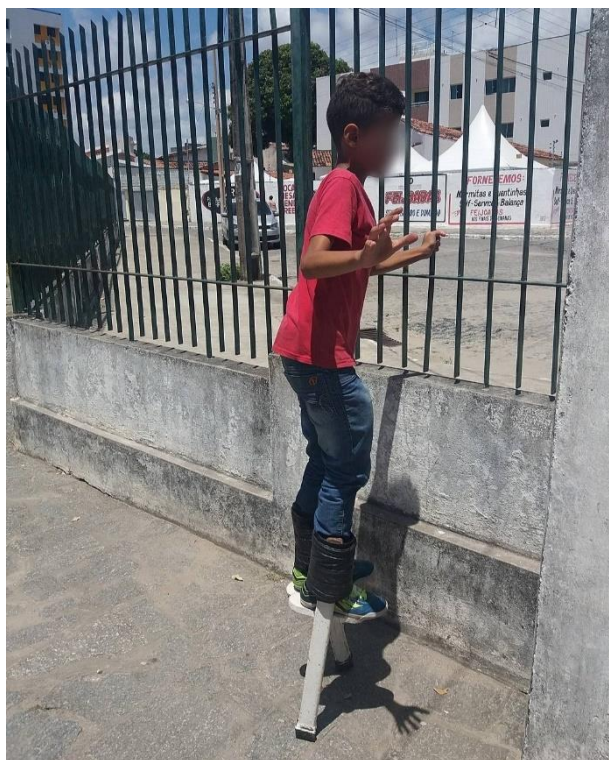
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2016).

“Aprender brincando”. Desde que comecei a lecionar com as turmas do fundamental anos iniciais, adotei esse lema nas minhas aulas. Para Gilles Brougère (1997, p. 99-100), “a brincadeira é uma mutação do sentido, da realidade: as coisas tornam-se outras. É um espaço à margem da vida comum que obedece a regras criadas pela circunstância”. O ensino, quando traz a brincadeira, o riso, a felicidade, o amor e o prazer em fazer, torna a aprendizagem mais eficaz e inesquecível. Na aula de criação do palhaço, desenvolvemos na criança a capacidade de se colocar diante de uma plateia, sem medo de errar, porque o erro serve de impulso para a construção da cena. O erro é bom, quebrando o medo de errar e aprendendo a partir do erro. Uma desconstrução necessária e eficaz; afinal, errar é humano, e o palhaço é nosso humano sendo visto por uma lupa de aumento.

Nossas crianças adoram se arriscar, vivem encarando seus medos, principalmente, quando ouvem algum adulto falar: “Menino cuidado, você vai cair”; parece que eles entendem ao contrário. Na escola, vivem se arriscando, com uma brincadeira de erguer o corpo entre duas mesas, tomam impulso e ficam balançando sobre os braços, já tiveram vários acidentes, que cortaram o queixo ou caíram de testa no chão, devido as mesas se afastarem com o movimento de pêndulo com o corpo.

Para trazer essa adrenalina do risco, do medo de cair e do prazer de brincar, trago para eles as técnicas de equilíbrio do circo. Os olhos deles chegam a brilhar quando se deparam com a perna de pau e o rola-rola.

Imagem 19 - Aula de perna de pau, entrada da Escola Municipal Aruanda.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2016).

Alguns pegam a perna de pau com facilidade; outros, devido ao medo de altura, o medo de cair, terminam desistindo, às vezes até antes de tentar, mas são poucos. A maioria fica ansiosa para chegar a sua vez de testar. O muro da escola é baixo e seu complemento é com grades, aproveitamos para colocar a criança que está na perna de pau segurando nas grades para encontrar seu equilíbrio, força e habilidade motora. As pernas e braços são os membros essenciais para se trabalhar essa habilidade circense, que é um aprendizado individual inicialmente, para depois poder ser desenvolvido o coletivo, com grupos de pernas de pau.

A reação das turmas a cada aula alusiva ao mundo do circo é instigante. A participação das crianças era de 100%. Todos queriam participar! O sorriso rolava solto, os olhos brilhavam em cada modalidade e, a cada atividade apresentada para eles, a curiosidade, a dedicação e a participação nas aulas de Arte nos chamaram a atenção. Diante dos resultados em sala de aula que iam além de minhas expectativas, resolvi fazer uma culminância de encerramento do bimestre. Juntamos todas as turmas no ginásio da escola e eles se

apresentavam uns para os outros, com cada turma apresentando um pouco daquilo que foi estudado. Separei uma modalidade de circo de acordo com o desenvolvimento de cada turma. Foi uma manhã de muita alegria. No dia seguinte à apresentação, eram inúmeros os comentários acerca do pequeno evento, com muita movimentação, todos comentando, felizes com o resultado final. Devido ao entusiasmo de seus filhos ao chegarem em casa, os pais pediram para assistir também. Assim, a partir do ano seguinte, decidiu-se por abrir a escola para que os pais pudessem igualmente assistir às apresentações.

Com essas decisões, tanto a família como as crianças ficaram empolgadas, algumas fizeram figurinos para a apresentação, consegui figurinos para aqueles que não tiveram condições de fazer. A Cia de Circo e Teatro Lua Crescente, companhia em que eu atuava, me emprestou a cortina e o picadeiro para a apresentação final, ficando ainda mais bonito nosso encerramento em 2016.

Imagem 20 - Apresentação de perna de pau. Ginásio da Escola Municipal Aruanda.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2016).

Em 2019, convidei Daniel Nóbrega, para se apresentar com o seu Palhaço Suvelão, na abertura do evento de encerramento do Projeto de Circo. As crianças ficaram encantadas por assistirem nosso convidado especial, e, em seguida, fazerem suas apresentações. Os comentários no dia seguinte foi que se sentiram verdadeiros artistas ao se apresentarem após o palhaço profissional. Deixei claro que naquele momento eles eram os artistas e que seus familiares e amigos eram seu público.

Imagem 21 - Encerramento do Projeto o Circo Chegou, convidado Palhaço Suvelão. Ginásio da Escola Municipal Aruanda.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2019).

Após esse encerramento, fiz uma provocação com as turmas dos 5º anos: fazer a montagem de um espetáculo que representasse nosso projeto de circo para apresentar no XXIII Festival de Teatro, Dança e Circo do Estudante pelo NTU/UFPB (Núcleo de Teatro Universitário da Universidade Federal da Paraíba). Foram doze crianças (dez meninas e dois meninos) que toparam ficar 40 minutos além do horário das aulas, ou seja, uma sexta aula, para ensaiarmos e montarmos o espetáculo “O Circo Chegou” usando a linguagem da palhaçaria.

Organizei um roteiro com algumas gags de palhaços que a turma havia apresentado no encerramento do projeto de circo da Aruanda, adicionando alguns números, como: malabares com bola, arco, swing de fitas e pirâmides coletivas. A ideia seria uma encenação que representasse o projeto como um todo, usando o palhaço(a) como personagens que com alegria e muita atrapalhada trouxesse essa magia para a cena circense apresentada no teatro.

Nossa apresentação foi na segunda-feira, dia 29 de outubro de 2019, no horário da tarde. Fomos o terceiro grupo a se apresentar no Teatro Lima Penante. O ingresso era um valor popular, vendido antecipadamente para os familiares, amigos, membros da escola e na bilheteria do teatro.

Imagem 22 - Divulgação do espetáculo: O Circo chegou nas Redes Sociais. Ao fundo, Palhaça Kika.



Fonte: Instagram da pesquisadora @rmarinalva (2019).

Tivemos um bom público, porque, além dos que compraram antecipadamente seus ingressos, tínhamos os outros grupos que podiam assistir gratuitamente. Apesar do nervosismo das crianças ao ver o teatro com uma boa lotação, conseguiram fazer uma apresentação que atraiu muitas risadas e aplausos em cena aberta. A cada número apresentado eles iam ficando mais à vontade. Tudo era muito novo para eles, estavam se apresentando num palco com iluminação. Estávamos rompendo pela primeira vez os muros da escola para mostrar nosso projeto de circo em outro espaço.

Antes das cortinas se abrirem, fizemos um círculo bem pequeno em que ficamos ombro a ombro, apoiando-nos uns nos outros e que sentissem a energia ali presente. Pedi que curtissem cada momento e deixassem seus palhaços livres para brincar. Expliquei ainda que não precisavam temer errar; afinal, o erro faz parte do processo do palhaço e só ele saberia disso, para a plateia tudo faz parte da encenação, por isso, era apenas para deixar fluir da melhor forma possível, para que se sentissem à vontade em cena. Foi gratificante ver a desenvoltura de cada um, a alegria expressada após cada cena realizada. Era perceptível que eles se sentiam ainda mais à vontade no palco, a cada vez que eram aplaudidos em cena aberta. Foi tudo muito emocionante e o choro de todos ao final foi inevitável.

Após a apresentação, na área externa do Teatro, foi realizado um debate. Para isso, os atores sentaram-se num pequeno tablado e o público foi acomodado em cadeiras. O debate se iniciou com uma pessoa da organização do festival que apresentou o grupo e fez um

comentário parabenizando as crianças pelo que havia visto em cena e trazendo informações sobre minha história na Arte-educação, como também minha ligação, há alguns anos atrás, com o Teatro Lima Penante, como educadora de circo numa das versões da sua colônia de férias. Em seguida, falei como professora diretora e alguns educandos falaram sobre a experiência. Em seguida, a debatedora convidada fez suas observações. Por fim, o debate foi aberto ao público que, em sua maioria, era formado por pais e familiares. Foram falas emocionantes, por assistirem seus filhos no teatro.

Imagem 23 - Debate do espetáculo O Circo chegou no XXIII Festival de Teatro, Dança e Circo do Estudante, à esquerda, a funcionária do Teatro debatendo com a prof. Marinalva e seus educandos/artistas, Teatro Lima Penante, João Pessoa, PB.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2019).

Esse festival era originariamente apenas de Teatro e Dança. Já havia participado com encenações teatrais anos anteriores, porém, quando vi a divulgação da inscrição, liguei para os responsáveis pelo evento no NTU/UFPB, perguntando se poderíamos participar apresentando um espetáculo com tema circense. A ideia foi bem recebida e, pela primeira vez em 2019, o Circo foi incluído nas habilidades de encenação. Muito feliz com essa conquista e as crianças também amaram poder se apresentar fora da escola.

Em 2020, devido à pandemia, o festival quase não aconteceu. Porém, após uma sondagem, decidiu-se por uma versão online. Pensando em como participar, entrei em contato com uma família que tinha três filhos na escola, dos quais a caçula era minha aluna e os dois mais velhos já estavam no fundamental II, mas já tinham participado da montagem do ano anterior. A família topou. Fizemos reuniões pela plataforma Meet, organizamos nosso roteiro, usando como base o que estávamos vivenciando naquele momento de isolamento social, trazendo para a cena nossas angústias, nossos medos e a sensação de se sentir só, mesmo

estando em família. E com todos os cuidados necessários como máscaras, álcool e distanciamento, frequentei a casa deles para ensaiarmos. Montamos duas esquetes: A Equilibrista e Por um fio, que foram gravadas na escola.

Esse festival aconteceu entre nove e dez de dezembro e se encontra no canal do YouTube do Núcleo de Teatro Universitário da UFPB²¹. No primeiro dia, foram as exhibições e no segundo foram os debates pelo Meet. Infelizmente, as crianças não puderam participar, mas foi muito bom poder falar e ouvir os debatedores e participantes sobre esse processo de montagem, porque foi uma grande aceitação da família abrir sua casa para que eu pudesse me encontrar com as crianças, mesmo tendo sua avó em casa, que faz parte do grupo de risco, me senti muito valorizada e pela confiança no meu trabalho como educadora.

Em 2021, fomos selecionados com o vídeo do esquete circense “Por um fio” para participar do Festival Somos Muitos - Diversidades em Cena, organizado pelo Ciclo Artes Cênicas do Departamento de Artes Cênicas da UFPB. Nossa apresentação foi no dia dois de março e se encontra no canal do YouTube Ciclo Artes Cênicas²², o debate no dia seguinte pelo Meet e transmitido pelo Youtube para a família poder assistir ao vivo. As crianças ficaram atentas ao debate, ouvindo as contribuições e elogios do debatedor, muito bom poder participar de um festival com as crianças junto com profissionais e estudantes de Teatro e Dança da universidade, uma experiência maravilhosa, mesmo de forma online.

Imagem 24 - Panfleto de divulgação do Festival Somos Muitos.



Fonte: Instagram @CicloArtesCênicas (2021).

²¹ YouTube do Núcleo de Teatro Universitário da UFPB. Disponível em: <https://youtu.be/N5rEzzv14Mk>

²² YouTube Ciclo Artes Cênicas. Disponível em: <https://youtu.be/dj1aivHMbec>

Vivenciar as atividades circenses de forma virtual foi um grande aprendizado, sobretudo em função da alteração na forma do envolvimento da família. Antes da Pandemia, nas aulas convencionais, a família dos educandos aparecia apenas como observadores da apresentação final dos seus filhos. Porém, durante as aulas remotas, tinham avós, mães, pais e irmãos que participavam das aulas juntos, num processo vivenciado pela família com todos envolvidos e participando, criando uma nova redoma de saberes coletivos.

Pode-se concluir que todo objeto, ação ou ambiente cotidiano, quando observados do interior de outra redoma sensorial serão sempre interpretados como um elemento sensorial extraordinário, que pode ser tratado como obra de arte, caso seja um objeto, ou como performance, no caso de uma atividade (ALMEIDA, 2008, p. 95).

A casa da família se transformou em um novo ambiente de aprendizado, um prolongamento da escola. A vivência em circo com toda a família se tornou um elemento sensorial extraordinário, que, segundo Almeida (2008), a partir do momento que levo a vivência circense para a residência do meu educando, ele por sua vez, modifica seu espaço, sua redoma sensorial, para adaptar as atividades propostas, criando assim uma nova redoma sensorial extraordinária, isso acontece quando observo o ocorrido em família de dentro da minha redoma sensorial. Ou seja, o olhar de fora daquela redoma.

O grande desafio a partir de agora, com o retorno das aulas presenciais, era sistematizar o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido nas aulas de Arte, tendo o circo como metodologia de ensino. Partindo desse princípio, para facilitar o desenvolvimento das etapas, resolvo analisar apenas os educandos das turmas dos 4º anos A e B e 5º anos A e B. Iniciei a parte prática da pesquisa com todos os educandos das quatro turmas, mas, devido ao fechamento da sala de vivência e do auditório para a reforma da escola, fiquei sem espaço físico durante o processo. Tive que fazer uma alteração no roteiro, abrindo inscrição para quem poderia vir no contraturno²³. As oficinas foram transferidas para a sala da Biblioteca Indústria do Conhecimento.

Visando inteirar-se dos conhecimentos prévios dos educandos referentes à linguagem circense, principalmente depois de um intervalo de quase dois anos com as aulas de forma remota, devido a pandemia, iniciei os encontros com um questionário individual, uma sondagem em torno do tema que seria desenvolvido durante a pesquisa. Percebendo a dificuldade de quatro crianças para responder em virtude da falta de domínio na leitura e escrita, me aproximei delas e propus gravar as respostas. A identificação ficou pelos números na lista de chamada, anotado em suas folhas.

²³ Contraturno: O contraturno escolar é o período em que as crianças não estão no colégio durante a semana.

Após a conclusão de todos, guardei as folhas em uma pasta, simulando uma cápsula do tempo, porque após o término da pesquisa iríamos repetir o mesmo questionário, podendo, a partir desses dados, coletados, no início e no final, analisar as interpretações das respostas nas duas fases do processo.

Na primeira semana planejei interdisciplinarmente com o professor de Educação Física e a estagiária de dança da UFPB, para que juntos pudessemos unir as duas turmas A e B, ficando assim duas aulas geminadas, aumentando o tempo para nosso Circuito Circense. Separamos os equipamentos em áreas denominadas de ilhas circenses, com: argolas; bolas; swing pô e flags bandeira; pratos de equilíbrio; rola-rola²⁴; claves; flower stick²⁵ e diabolô²⁶; colchões para cambalhotas; corda para cabo de guerra ou pular corda em grupo.

Imagem 25 - Circuito Circense, Prof. Marinalva no centro explicando as etapas, turmas 5º ano A/B. Ginásio da Escola Municipal Aruanda.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Expliquei algumas dicas de manipulação dos objetos de cada ilha, deixando livre para criarem seus próprios movimentos. Em seguida, separamos a quantidade de cinco crianças por ilha, marcamos um tempo de cinco minutos para a vivência coletiva em cada ilha. Foi pré-determinado pelo professor de Educação Física que ficou marcando o tempo que o sinal para troca, seria um apito longo para término com este sinal, todos deveriam colocar o material no local que pegaram, com dois apitos curtos trocariam de ilha e iniciavam as brincadeiras.

²⁴ Rola-rola: Cilindro (rolo) sobre o qual coloca-se uma prancha e onde pretende-se mostrar um controle de equilíbrio numa situação totalmente instável.

²⁵ Flower stick: São três bastões com dois comprimentos diferentes, o maior é o principal que será equilibrado e lançado nas evoluções, os dois menores ficam nas mãos do malabarista.

²⁶ Diabolô: Também conhecido como ioiô chinês. É composto por duas semiesferas unidas invertidas, que são movimentadas e equilibradas por um cordão acionado por duas baquetas.

Imagem 26 - Circuito Circense, vivências por ilhas, turmas 5º ano A/B. Ginásio da Escola Municipal Aruanda.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

A proposta inicial do circuito foi ter uma visão geral do conhecimento prático dos educandos referente aos objetos de manipulação circense, ao comportamento em grupo, ao cumprimento das regras, à comunicação corporal e verbal coletiva ou individual, ou seja, aos corpos brincantes diante dos objetivos de cada ilha.

Buscamos misturar os educandos e suas turmas, principalmente os novatos, para eles irem se integrando e se sentirem à vontade para brincar. Alguns pediam ajuda para que eu demonstrasse mais de uma vez a forma de manipulação. Eu ajudava, mas deixava claro que eles podiam criar novos movimentos e possibilidades com aquele instrumento, que deixassem fluir sua imaginação e que seu corpo pudesse participar dessa criação. Os mais tímidos ficavam um pouco receosos, mas participavam, cada qual a seu tempo e depois da terceira troca, já estavam empolgados e envolvidos na brincadeira.

O que mais lhes chamou a atenção foi o rola-rola, devido ao risco, medo e desequilíbrio, que fazem parte desse equipamento e que representam seu maior atrativo. Um ajudava o outro a subir e a se equilibrar para evitar acidentes, depois revezavam, para que todos pudessem participar. O prato de equilíbrio também foi um dos que mais instigaram o interesse de aprender, devido à dificuldade de manusear a vareta em forma circular e manter o prato girando sobre a mesma ao parar. Geraram muitas risadas, gritos de desespero quando o prato caía, mas também, gerou olhares de atenção e foco, tentando entender o mecanismo de manipulação. Quando conseguiam, só faltavam chorar de felicidade. Foram poucos que conseguiram, mas deixei claro que cada um tem seu tempo, e que aquele momento era apenas um primeiro contato, que o com a prática e repetição todos seriam capazes.

Quando foi dado o apito final, começou uma gritaria, todos indignados, queriam mais. A manifestação espontânea das crianças comprovou o quanto é prazeroso e dinâmico fazer os jogos circenses, ainda mais quando são desenvolvidos de forma interdisciplinar, envolvendo

Arte e Educação Física. A pergunta que todos faziam no final era: “Quando vamos ter de novo?”

Na segunda semana, iniciamos nossos encontros no contraturno. Reunimo-nos na escola e seguimos a pé para a Biblioteca Indústria do Conhecimento, na Praça da Paz, onde seria realizada a oficina prática. Apenas nove crianças foram pontuais. Como apenas uma havia comunicado que não iria poder estar naquele dia, resolvi iniciar nosso alongamento, para depois fazer a roda de conversa e explicar sobre os encontros, regras do espaço, horários de chegada e saída, para que os atrasados pudessem ouvir também.

Despertamos nosso corpo com alongamentos e aquecemos com alguns jogos: caminhada no espaço, caminhadas com ritmos diferentes, estátua, pegar no chão e jogar alto, pegar alto e jogar no chão, dentre outros. Com o objetivo de desenvolver o trabalho em equipe, de forma cooperativa, trouxe um futebol de pano, cujo foco principal não é o gol, mas a união de todos para que a bola entre no gol da equipe adversária. Foi uma verdadeira euforia, todos queriam fazer gol, e terminavam deixando a bola cair fora do campo. Depois de várias tentativas, perceberam que se desesperar não estava adiantando e mudaram sua estratégia de jogo. Resolvendo aproveitar mais o jogo e deixar a bola percorrer o campo, sem movimentos brutos, com isso, uma das equipes fez dois gols.

Imagem 27 - Jogo futebol de tecido, turma focal. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Ainda com o objetivo de interação, agora de forma individual, brincamos de Terra e Mar. Dividi a sala com uma corda, um lado era a Terra e o outro o Mar. Iniciamos todos na Terra, e sempre que eu falava um dos lugares todos tinham que mudar. A alegria tomou conta de todos, estavam felizes e quando estamos felizes, tudo flui com maior facilidade.

Imagem 28 - Jogo Terra/Mar, turma focal. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Brincando, as crianças aprendem a tomar decisões, começando por aceitar a brincadeira, e, ao tomar essa decisão, ela concorda com as regras que serão construídas durante o brincar, construindo a partir daí uma aprendizagem social que pode ser partilhada entre as próprias crianças ou entre os adultos que brincam com elas.

A brincadeira projeta a criança em um universo alternativo excitante, no qual ela não só pode viver as situações sem limitações, mas também com menos riscos. A forma e a intensidade de apropriar-se da brincadeira estarão diretamente associadas ao meio e às relações vivenciadas pela criança. A comunicação que ocorre no ato de brincar torna-se uma metacomunicação, na medida em que as trocas verbais ou não verbais, implícitas ou explícitas, conferem à brincadeira o lugar da iniciativa e da vontade de cada um, cujas combinações e acordos fazem emergir as ressignificações do cotidiano e da cultura em que está inserida (POZAS, 2011, p. 36).

Agora estávamos em onze, como já havia mais de uma hora de aula, com certeza não viria mais ninguém, resolvi desenvolver o jogo do foco. Sentamos em círculo e expliquei a importância do olhar como foco. Olhamos um para o outro, e os tímidos pareciam querer se esconder, depois acrescentei uma bola de pano, como foco do grupo. Todos tinham que olhar para a bola. Passamos a bola de mão a mão por todo o grupo e quando retornou para mim, pedi que agora tivéssemos dois focos, a bola e quem estava com a bola, quem segurava a bola tinha a atenção de todos, escolhia um através do olhar e depois arremessava a bola na sua direção.

“O foco coloca o jogo em movimento. Através do foco entre todos, dignidade e privacidade são mantidos e a verdadeira parceria pode nascer” (SPOLIN, 2008, p. 32). A falta de atenção inicialmente atrapalhou um pouco, parecia um jogo simples, mas todos precisavam se concentrar para evitar erros. Depois de algumas repetições, resolvi acrescentar a segunda e depois de mais algumas rodadas a terceira bola. Gerou risadas e todos se atrapalharam, os que erravam ficavam tristes e os outros chamavam a sua atenção. Parei a brincadeira e expliquei que nessa oficina errar faz parte do aprendizado e que aprendemos muito com ele, quando erramos e reconhecemos nosso erro, temos a opção de continuar errando ou buscar focar e evitá-lo caso essa seja a sua escolha.

Imagem 29 - Jogo de observação e foco com bolas, turma focal. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Propus outro jogo em que todos ficaram num formato plateia. Chamei um para vir à frente, expliquei as regras do jogo, que era: ficar de costas para a plateia; quando virar procurar o objeto; achou o objeto olha para a plateia, olha de volta para o objeto e decide o que fazer com o mesmo. Um jogo de triangulação, onde cada um reagia de acordo com o que escolhia que seria aquele objeto. O objetivo era usar a imaginação e o diálogo através do olhar. O interessante é que todos optaram por ficar com o objeto, ação que reverbera uma questão individualizadora, provavelmente reflexo de dois anos letivos de forma remota, onde cada um seguia individualmente os estudos em suas residências, sem uma prática coletiva.

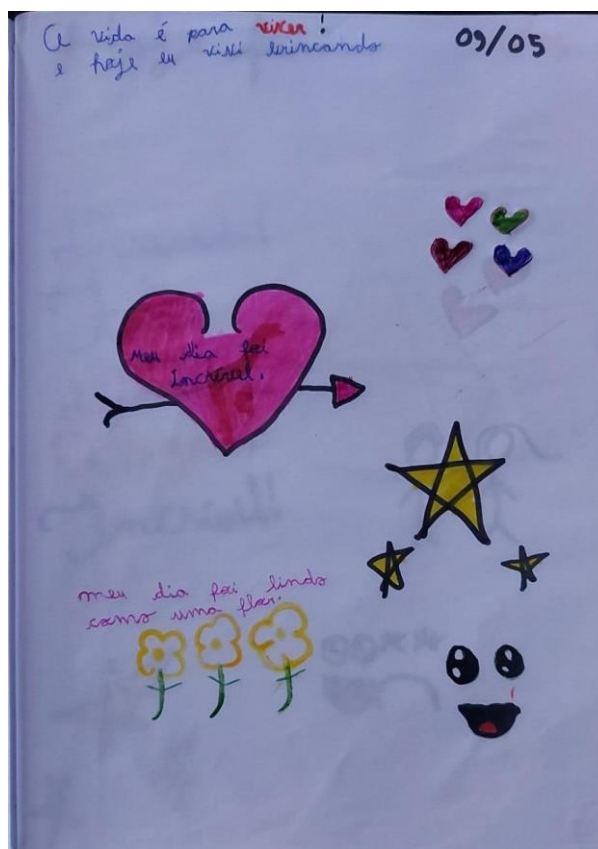
Imagem 30 - Jogo do foco no formato plateia, turma focal. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Finalizamos com nossa roda de conversa. Pedi que falassem como foi nosso primeiro encontro naquele novo formato, espaço e o que eles acharam. Perguntei ainda que se pudessem definir através de uma palavra, qual seria? As respostas foram: incrível, divertido, lindo, feliz. Alguns, por timidez, não falaram e optei por não forçar. Após ouvir as respostas, falei sobre as regras dos nossos encontros e daquele espaço, sobre a importância de cumprirem os horários de chegada e saída. Entreguei um caderno de brochura sem pauta, capa dura, para que eles usassem como um diário de bordo. Expliquei o que era um diário de bordo e que não tinha pauta, para que eles pudessem tanto escrever como desenhar sobre nossos encontros, que iriam fazer esse registro após nossas rodas de conversa. E assim, foram fazer seus registros nas mesas.

Imagem 31 - Registro no diário de bordo.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Percebi nesse primeiro dia as dificuldades básicas de concentração e foco. O grupo era formado por crianças de quatro turmas diferentes, precisávamos quebrar a barreira do distanciamento e criar vínculos, para que o brincar coletivamente fosse aceito entre eles.

No segundo encontro do grupo focal, combinei que viessem direto para a Biblioteca. Iniciamos com uma roda de conversa, todos sentados, depois fiquei em pé e pedi que todos ficassem também, formando um círculo pequeno, ombro a ombro, fui para o centro. O objetivo desse momento é trazer à tona a concentração e observação do próprio corpo naquela posição, observando a si mesmo e em seguida o outro. No início, tiveram risos, um misto de vergonha e falta de concentração. Após alguns minutos de observação, pedi que deitassem com as costas voltadas para o chão, mantendo o mesmo formato circular, deixando os pés para o centro do círculo.

Imagem 32 - Jogo de observação corporal, grupo focal. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Pedi que fechassem os olhos e se concentrassem na minha voz. Alguns resistiam ficar de olhos fechados, não conseguiam relaxar, mas aos poucos fui convencendo-os que dessa forma iriam melhor vivenciar a proposta. Os comandos de voz descrevem as partes do corpo que cada um deveria focar, e cada um vai reagindo de acordo com o que é solicitado:

1. - Sinta seus pés, como eles estão, deixe-os relaxados, bem relaxados, agora mexa-os devagar, faça movimentos circulares, pé em ponta e volta, agora pare. Sinta como ele está. Imagine um lugar onde você poderia estar pisando, qual a sensação de pisar nesse ambiente? É quente? Frio? Úmido? Escorregadio? Pegajoso? Duro? Como você se sente nesse lugar?
2. - Agora sinta suas mãos, vá mexendo devagar cada dedo, vá despertando-os, crie movimentos soltos e aleatórios, aos poucos vá acrescentando braços e ombros nesse movimentar-se, de forma lenta, um pouco mais ágil, agora pare. Relaxe e sinta seu pulsar.
3. - Sinta suas pernas, deixe-as relaxadas, agora abrace-as, fique um pouco assim, agora solte e sinta o sangue circular, vire de lado e volte a abraçar suas pernas, ficando na posição fetal, ao som do apito soltar e se esticar todo como se estivesse se espreguiçando, fazendo para os dois lados.

Após o despertar de todas as partes do corpo, coloquei a música “Rói Couro”²⁷, de Sa Grama e aos poucos podiam mexer seu corpo de acordo com o ritmo da música, com os olhos abertos, saindo do chão e do lugar, explorando o espaço com o seu corpo em movimento. Agora iriam se comunicar uns com os outros usando apenas o corpo no ritmo da música

²⁷ Rói Couro. Disponível em: <https://youtu.be/zxro0mxrfPc>

“Espera Maria”²⁸ do mesmo compositor. Momento que gerou muitas risadas. Houve um estranhamento na escuta da música. Pedi para se concentrarem no ritmo e deixassem o corpo reagir àquele som.

Concluímos com um momento de concentração e confiança coletiva. Voltamos para o círculo ombro a ombro e escolhi um para ficar no meio, o qual teria que ficar com o corpo rígido para que todos pudessem movimentá-lo usando as mãos, como se fosse um pêndulo humano. Alguns ficaram com medo de cair. Expliquei as regras do jogo e que o risco era mínimo, porque cada um estaria cuidando para não deixar o colega cair.

Imagem 33 - Pêndulo humano, grupo focal. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Depois de vivenciarmos o equilíbrio e desequilíbrio no nosso corpo através do pêndulo, passamos a equilibrar objetos, varetas de madeira e clave de malabares, inicialmente na palma mão, depois em outras partes do corpo como queixo, testa, joelho, pé. Essa brincadeira requer muita concentração, porque o foco está no olhar fixo na extremidade oposta a parte que se encontra próximo ao corpo. Depois de algumas tentativas colocamos o prato, aumentando o grau de dificuldade. Além de equilibrar, eles precisavam manter o prato girando sobre a vareta.

²⁸ *Espera Maria*. Disponível em: <https://youtu.be/wPBHh2n6MkM>.

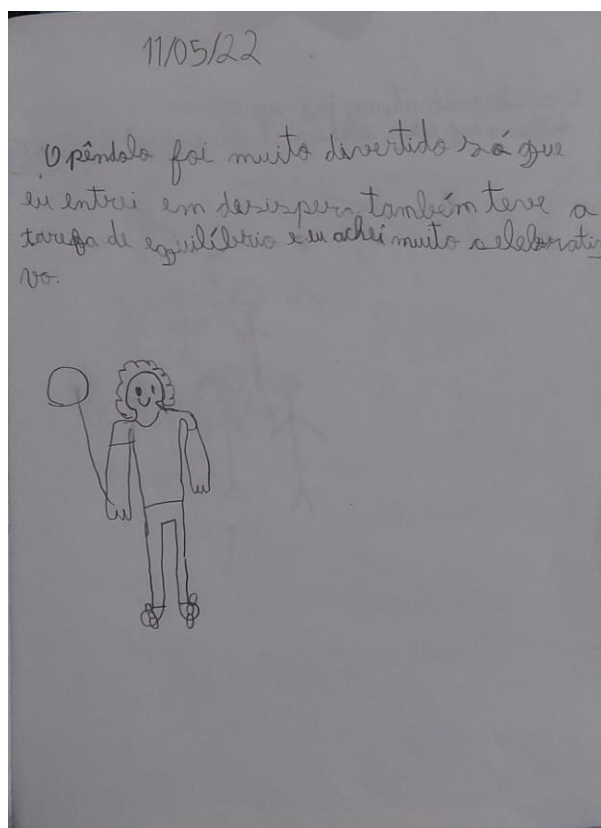
Imagem 34 - Prato de equilíbrio, grupo focal. Biblioteca Indústria do Conhecimento



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Após várias tentativas, muitas risadas e desistências, concluímos nossa tarde com uma roda de conversa sobre as experiências adquiridas naquela tarde. Em seguida, foram fazer suas anotações no seu diário de bordo. Um deles me chamou a atenção pelo que disse: “O pêndulo foi muito divertido, só que eu entrei em desespero, teve também o equilíbrio e eu achei muito celebrativo”. Essa criança quando foi fazer o pêndulo começou a chorar de medo. Perguntei se queria desistir, mas ela não quis. Pedi que respirasse e olhasse a sua volta. Perguntei: “- Você confia na sua professora? Não deixarei você cair e nem seus colegas, todos estão aqui para te proteger e te dar segurança.” Ela foi se acalmando e conseguiu fazer. Essa confiança é necessária para que possamos cuidar um do outro.

Imagem 35 - Registro do diário de bordo.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

No terceiro encontro, após nosso alongamento e aquecimento, partimos para o jogo do espelho. Formamos duplas, expliquei as regras e escolheram quem iria começar como espelho e quem seria o reflexo. Alguns minutos depois, apitei para que fosse trocado. Após ambos vivenciarem o espelho e o reflexo, pedi que agora iriam escolher no mínimo três movimentos e juntos iriam executar, diante do grupo no formato de plateia. Teriam que fazer o mais coordenados possível, tentando enganar a plateia sobre quem seria o espelho e o reflexo. A concentração das duplas realizando as sequências era nítida, gerando também muitas risadas entre elas.

Após o tempo pré-determinado para exercitarem e montarem suas sequências, sentamos no formato plateia, cada dupla apresentou e depois a plateia apontou quem estava como espelho e quem era o reflexo. Algumas duplas conseguiram executar os movimentos de forma tão unida que alcançaram seu objetivo que era fazer com que a plateia não descobrisse sua função no jogo.

Imagem 36 - Jogo do espelho com plateia. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

O grupo agora estava com um maior vínculo de parceria e união entre eles nas atividades propostas, momento importante e necessário para introduzir as acrobacias de solo. Conversamos sobre as regras, como:

- Cuidar do outro, para evitar acidentes;
- A função do Portô²⁹ e do Volante³⁰;
- Equipamento adequado para as acrobacias de solo;
- Não fazer posições acrobáticas sem um adulto próximo.

Por não ter os colchões adequados, apenas alguns emborrachados, fizemos movimentos de pirâmides simples de dupla, com um volante e um portô. Montamos as duplas buscando equilibrar o tamanho e peso ideal entre eles, para evitar que se machucassem durante os movimentos. Um educando que estava se preparando como portô, assim que ficou na posição de agachamento da primeira posição, com quatro apoios, sendo joelhos e mãos no chão, evidenciou um desvio na coluna lombar, bem arcada. Imediatamente percebi que ele podia se machucar, então parei e mostrei o motivo pelo qual ele não podia fazer aquele exercício, justifiquei que era preciso que a coluna estivesse reta como uma tábua, expliquei

²⁹ Portô: Artista de constituição física mais avantajada cuja função é a de apoiar, equilibrar e impulsionar o volante em exibições aéreas e de solo; aparador; forte.

³⁰ Volante: Artista que salta e é amparado pelo portô.

que ele poderia fazer outros movimentos que não precisasse ficar naquela posição. E assim foi feito.

Depois que todos testaram, acrescentamos mais um portô no grupo, ficando três por grupo. Os volantes sentiram mais segurança nesse momento. Repetimos os movimentos anteriores que foram feitos em duplas e acrescentamos com movimentos com os dois portô em pé, agachados, na posição samurai, servindo de base para o volante. Como na foto a seguir.

Imagem 37 - Pirâmide de três. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Durante a roda de conversa no final da tarde, as palavras que mais surgiram nas suas colocações foram: diversão, medo, força, equilíbrio. A alegria no rostinho de cada um é a melhor resposta que eles poderiam me dar, e nem perceberam o quanto isso me emocionava.

No quarto encontro, após nosso alongamento e aquecimento, pedi que escolhessem um local na sala e deitassem com os olhos fechados, imaginassem um lugar que gostariam de estar, cada um no seu cantinho escolhido. Quais as sensações sentidas nesse ambiente? Quais emoções ali vivenciadas? Estão sozinhos ou acompanhados? Quais os sons a sua volta? Tem cheirinho de quê? Após alguns minutos pedi que abrissem os olhos cada um no seu momento.

Formamos uma roda para trocar a experiência vivenciada por cada um, apenas uma falou que estava numa casa de praia com a família, os outros estavam sozinhos.

Para quebrar um pouco essa individualidade, pedi que formassem trios e que um seria o pêndulo entre os outros dois, como uma forma de despertar a atenção, o cuidado e o medo de cair. Uma forma de preparar o corpo para o risco que viria no próximo exercício com o rola-rola. Após todos passarem pelo pêndulo, ficamos no formato plateia, para que pudéssemos agora vivenciar o equilíbrio sobre o rola-rola. Foi uma diversão, a cara de ansiedade para fazer e quando sobe a expressão muda, ficam sérios e concentrados, com medo de cair, mas ao mesmo tempo sem querer parar. O tempo passou que nem perceberam, tão envolvidos que estavam na brincadeira.

Imagem 38 – Rola-rola. Biblioteca Indústria do conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

No quinto encontro, alongamos e aquecemos caminhando pelo espaço, trazendo o foco no olhar que conduzia o caminho, acrescentamos os planos baixo, médio e alto nessa caminhada individual. Depois mudamos o foco para partes do corpo, e cada parte citada, tinha que indicar por onde e como caminhar, o restante do corpo seguia os comandos. Gerando muitas risadas entre eles, porque viam seus corpos e andar modificados a cada alteração. Depois começamos a brincar de seguir o mestre. Pedi que cada um escolhesse uma forma de caminhar diferente, podendo usar o que foi vivenciado no exercício anterior. Quando eu

citava o nome de um deles, todos deveriam reproduzir seu caminhar. Quando eu trocava o nome, a pessoa citada iniciava seu movimento para todos imitarem.

Hora da mímica em duplas, entreguei uma palavra para que juntos pudessem criar uma ação. Marquei o tempo de cinco minutos para juntos elaborarem, em seguida ficamos no formato de plateia e cada dupla se apresentou, à plateia tinha que adivinhar a palavra. A criatividade era o foco dessa brincadeira e eles se saíram muito bem. Claro que a timidez ainda atrapalhava um pouco na concentração, deixando-os risonhos durante a cena. Mas todos fizeram. Cada um no seu tempo.

Imagem 39 - Mímica em dupla. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Brincar com os objetos de circo é sempre encantador, mas também é muito importante a confecção de nossos próprios materiais, assim, propus confeccionar nossas próprias bolinhas de malabares. Solicitei, então, que eles trouxessem balões de festa, e eu levei painço³¹, e sacolas plásticas para colocar o grão e revestir em seguida com as bexigas. Foi uma verdadeira farra, eles amaram a ideia. Durante nossas aulas remotas eu já havia ensinado a

³¹ Painço: Semente pequena, arredondada e normalmente de cor amarela, mas também pode ser encontrada nas versões branca ou avermelhada.

fazerem suas bolinhas com meias e revestirem também com bolas de sopro. Mas fazer junto é sempre mais divertido.

Imagem 40 - Confeção das bolas de malabares. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Imagem 41 - Bolas de malabares prontas. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Assim terminamos nossa tarde, a família chegando e nós nos últimos detalhes. Quem chegava ajudava a revestir as bolinhas, porque eram sete bolas de sopro para cada bolinha de painço. A alegria ao término da oficina era nítida nos olhinhos brilhando e no diálogo com a família que estava ajudando a concluir.

No sexto encontro, levei imagens de maquiagem artísticas alusivas ao tema palhaço, como também fotos de palhaços brasileiros e estrangeiros, nos seus variados tipos. Trago o pensamento do Bolognesi (2003, p. 91), ao dizer que:

Os palhaços estão presentes em todos os circos. No entanto, suas funções e inserções alteram-se de acordo com o tipo de espetáculo, ou mesmo de acordo com as inserções que cada palhaço, ou grupo deles, desempenha nos circos (BOLOGNESI, 2003, p.91).

Alguns palhaços já eram conhecidos por eles. Conversamos sobre sua maquiagem, vestimentas e sobre a visão que eles tinham sobre esse personagem, que para alguns representava o circo. Falamos sobre os mais variados tipos de palhaços: de festas, de circo, de semáforos, de programas de televisão, e falamos da mulher palhaça. Em seguida, entreguei uma folha impressa uma face neutra, na qual eles iriam criar uma maquiagem de palhaço, que seria pintada neles no próximo encontro.

Imagem 42 - Desenho da maquiagem de palhaço. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Enquanto desenhavam e pintavam suas maquiagens, coloquei espalhadas no chão de forma circular algumas roupas coloridas, juntamente com as que eles trouxeram, como eu havia solicitado. Após concluírem, pedi que ficassem em círculo e observassem aquelas peças de roupas e tentassem se imaginar vestidos nelas. Depois começaram a compor seus figurinos com o que tinham ali. Foi uma diversão, eles riram muito, se soltaram quando olhavam um para o outro, tentamos colocar o nariz. Porém, como era o de pressão, ficava caindo, e incomodando, alguns optaram por tirar.

Após todos vestidos, cada um na sua composição visual do seu palhaço improvisado naquele momento, fizemos algumas brincadeiras enfatizando as expressões faciais e corporais do palhaço. Brincamos com o nosso corpo diante desse ser palhaço que cada um compôs, pedi que caminhassem pela sala buscando entender como ele andaria, que partes do corpo ele movimenta que é diferente do seu andar no dia a dia.

Segundo Bolognesi (2003, p.198): “O corpo do palhaço é disforme, permeado de trejeitos, e busca a ênfase no ridículo, por meio da exploração dos limites, deficiências e aberrações. É um corpo livre das regras da moral.” As crianças buscavam brincar com as deformidades possíveis no seu corpo, o riso, a descontração e a diversão foram os itens principais deste dia. Estavam livres para criar e testar novas possibilidades corporais.

Imagem 43 - Caminhada do palhaço. Biblioteca Indústria do Conhecimento.

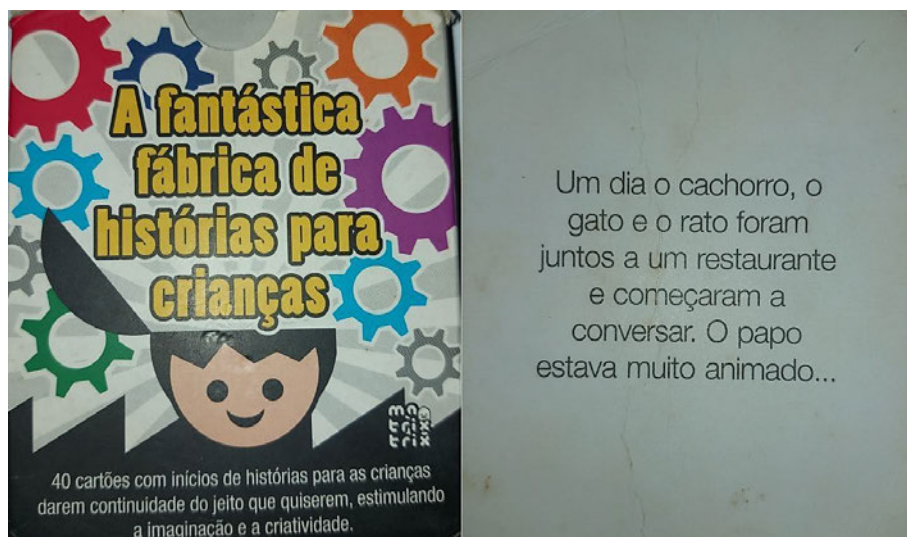


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Depois entreguei cartas contendo pequenas histórias, que estavam apenas iniciadas e eles teriam que concluir dando um fim que eles escolhessem. As cartas foram escolhidas de

forma aleatória, o grupo era formado de acordo com os personagens contidos na história. Tiveram cinco minutos para organizarem as cenas. Sentamos em forma de plateia para assistir os grupos. Eu lia a história contida na cartinha e o grupo continuava contando.

Imagem 44 - Caixa de história e cartão com história.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Imagem 45 - Cenas de palhaço com plateia. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora 2022.

A criatividade e as formas inusitadas que cada grupo trazia para compor suas histórias foram o que mais chamavam a atenção e causavam risadas nos que estavam assistindo como plateia. Após cada apresentação, abríamos para ouvir a plateia sobre o que assistiram e também quem apresentou para falar sobre a sua experiência.

Sétimo encontro, nesse dia já vim maquiada e fantasiada para que todos entrassem no clima da palhaçaria. Colocamos as maquiagens trazidas e suas respectivas pinturas no centro da roda. Expliquei como seria o processo, iniciar reproduzindo o desenho na maquiagem no rosto de cada um, poderiam fazer sozinhos diante do espelho ou um ajudava o outro.

Imagem 46 - Material para maquiagem de palhaço.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Todos unidos tentando reproduzir fielmente o que haviam feito no papel. Aqueles que foram mais ágeis, ao terminar iam ajudando os outros. Um trabalho em equipe. Uma avó que estava acompanhando sua netinha também entrou para ajudá-la. A funcionária responsável pela biblioteca foi convidada por algumas crianças para ser pintada também.

Imagem 47 - Maquiagem de palhaço. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

O clima de palhaçaria estava presente em todas as nossas ações, com brincadeiras, caretas e provocações corporais, um verdadeiro estado de alegria.

O palhaço materializa no corpo, na vestimenta, nos gestos, na voz e na maquiagem os perfis subjetivos que fundamentam sua personagem. Uma vez em cena, a interpretação deve ser o momento de realização plena da personagem, da demonstração de seu caráter e de suas peculiaridades (BOLOGNESI, 2003, p. 176).

Após a maquiagem, todos deveriam vestir seus figurinos, para que agora pudessem sentir, perceber o seu lado palhaço. Direcionei perguntas: “- Como é o corpo do seu palhaço? Como ele caminha? Como ele fala? qual seu senso de humor? qual seu gênero?” Pedi que parassem para refletir sobre essas perguntas e, a seguir, foi solicitado que colocassem em prática esses questionamentos ao caminhar pela sala. Em seguida, foram distribuídas as cartas com as histórias que eles iriam desenvolver em grupo ou individualmente.

Colocar em prática a energia e alegria que o palhaço transmite faz com que os educandos possam perceber o quanto é importante a valorização dos pequenos gestos, que às vezes passam despercebidos no nosso cotidiano, mas que, ao colocar a lupa do fazer na palhaçaria e em grupo, a diversão é garantida e tem outras conotações.

Imagem 48 - Cenas de palhaço. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Tivemos mais dois encontros na biblioteca, onde as crianças puderam vivenciar vários jogos teatrais e jogos circenses de forma mais lúdica e descontraída, tendo como foco a brincadeira e as possibilidades do brincar com os elementos estudados nos encontros anteriores. A funcionária da Biblioteca Indústria do Conhecimento, Joseane Pereira da Silva, descreve nossos encontros, ao citar:

Observei que essas práticas evidenciam que é possível inserir atividades circenses nas aulas contribuindo assim, com o processo de interdisciplinaridade na escola e na vida. Além de funcionar como um recurso inclusivo e cooperativo, desenvolve um trabalho em equipe, a socialização, o respeito e a confiança entre os alunos. Vale ressaltar que a professora teve a sensibilidade de perceber nos pequenos, habilidades não só circenses, mas, habilidades voltadas para o mundo do teatro e construção do seu próprio enredo pra vida (SILVA, 2023).

A alegria, união, descontração e vontade de dar continuidade àqueles encontros era o desejo de todos. Mas deixei claro que podemos continuar em nossas aulas regulares na escola, que as vivências ali estabelecidas podem e devem estar na escola com todos da turma. Sabemos das dificuldades e desinteresse por parte de alguns educandos, mas esse estudo traz a provocação de que aprender brincando é muito mais gratificante e que só agrega no fazer diante dos estudos, independentemente da matéria ou conteúdo que esteja sendo aplicado.

Concluindo as vivências práticas, voltei a aplicar o mesmo questionário respondido no início. Comparando e analisando as respostas, o que me chamou a atenção foi a falta de familiaridade com as palavras que fazem parte da linguagem circense, tendo em vista que são palavras que não estão na realidade deles nem do contexto escolar (como picadeiro e acrobacia), então é normal. Quanto à palavra "malabares", a maioria disse que não sabia o que era, no entanto, esses mesmos responderam que já haviam visto malabaristas nos semáforos. Fiquei me questionando se era um erro de interpretação ou medo de errar na resposta. Eles sabiam que não seriam punidos ou avaliados pelas respostas. Alguns deixaram as perguntas em branco, outros apenas responderam: "Não sei". Infelizmente, não pude refazer a segunda entrevista com todos, apenas com os que puderam participar do grupo focal.

Uma das dificuldades encontradas está relacionada à escrita. Como meu objetivo nesta pesquisa não é analisar a leitura e a escrita das crianças, não me aprofundei nessas questões, porque essas turmas tiveram dois anos de ensino remoto, habilidades e competências que não foram desenvolvidas, as quais as professoras pedagogas estão acompanhando suas evoluções por disciplinas em suas aulas.

Analisando as respostas do questionário final aplicado com as crianças do grupo focal, percebo o quanto foi importante e prazeroso para eles os momentos de vivências durante as oficinas. Seus retornos sobre a questão: Como vocês se sentem tendo uma professora/palhaça? As respostas apontadas indicavam: "Foi legal, divertido, ter uma professora palhaça é muito engraçado, gosto dos trocadilhos dela: Respirem fundo, mas não com o fundo"; "Mágico, simplesmente mágico"; "Uma experiência muito marcante, cheia de lindos momentos". Depoimentos que fortalecem as expectativas dessa pesquisadora, demonstrando a importância de uma intencionalidade pedagógica, a partir da linguagem circense, planejando e agindo com o objetivo de integrar as artes da cena em sala de aula. Destaco também o depoimento de uma das mães referente à última pergunta do questionário final:

O Projeto O Circo Chegou na Escola impactou muito positivamente a nossa família, ficamos muito entusiasmados com a possibilidade de nossa filha aprender no espaço escolar uma arte, muitas vezes marginalizada, a condução da professora Marinalva foi muito efetiva para o sucesso da apresentação final do Projeto, com sua alegria e com seu conhecimento fez com que as crianças se envolvessem e desenvolvessem habilidades apresentadas no palco com espontaneidade, graça, flexibilidade e muito humor, mesmo precisando driblar dificuldades como a falta de estrutura física e sonoplastia da escola (QUESTIONÁRIO FINAL, p.92).

Ao retornar à sala de aula, com todos os educandos e suas turmas, pude perceber o diferencial dos que fizeram as oficinas e os que não fizeram, o foco diante das atividades apresentadas era outro, a concentração e o trabalho em equipe estavam mais fluidos.

Destaco a seguir alguns exemplos desses momentos vivenciados em sala pós-oficina: Nos quartos anos, desenvolvi uma atividade com teatro de bonecos, estudamos sobre sua história e depois as crianças confeccionaram seus fantoches. A apresentação individual dos bonecos foi no Teatro de Fantoches da Biblioteca Indústria do Conhecimento na Praça da Paz. A apresentação dos que vinham frequentando aquele espaço nas oficinas foi de uma desenvoltura surpreendente, trouxeram pequenas histórias que fizeram todos rirem, servindo de impulso para os que ainda não haviam confeccionado os seus, criando uma expectativa e interesse de todos para contar suas histórias.

Imagem 49 - Apresentação dos fantoches. Biblioteca da Praça da Paz.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

No segundo momento dessa atividade, o trabalho foi coletivo, os grupos foram formados e juntos montaram seus roteiros de apresentação. Na Sala de Vivência, organizei todos os fantoches confeccionados. Como não temos a tenda para teatro de fantoches, chamei dois estudantes para segurarem um tecido, enquanto os grupos apresentaram suas histórias.

Foi impressionante a criatividade e improvisação deles a partir das participações dos colegas ao ouvir suas histórias. Eles interagiam, perguntavam, questionavam as histórias e riam dos improvisos.

Imagem 50 - Apresentação dos grupos e seus fantoches, turma 4º B. Sala de Vivência.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Esse tempo de ouvir e interagir improvisando a partir das colocações foi um ponto positivo trazido das vivências nas oficinas, e que agora estavam desenvolvendo com os grupos de estudantes que não puderam participar, mas que aceitaram o jogo e se adaptaram muito rápido, garantindo a diversão de todos durante as apresentações.

Outro exemplo, foi a montagem de um espetáculo de circo com alguns alunos das turmas dos quintos anos, a partir do convite da Profª. Drª. Carolina Dias Laranjeira do ProfArtes/UFPB para participarmos em 2022 com uma apresentação na abertura da XI Jornada de Pesquisa em Artes Cênicas / II Colóquio de Pesquisa em Artes nas Escolas - Olhares para a Pesquisa e o Ensino nas Artes, organizado pelo Departamento de Artes Cênicas da UFPB. Expus o convite para a minha diretora pedagógica e com sua aprovação levei a proposta para minhas turmas de 5º ano A e B. Vinte e duas crianças aceitaram. Comuniquei aos pais, que autorizaram. Montamos o espetáculo Brincando de Circo. Devido alguns dias de paralisação das aulas, apenas dezenove puderam participar da montagem. Infelizmente, não fizemos nossa estreia na Jornada, devido ao falecimento precoce de um estudante da escola um dia antes da apresentação, ficando muito difícil brincar de circo com

uma família enlutada. A organização do evento entendeu o que estávamos passando e o motivo pelo qual não podemos participar da programação.

Como estávamos com o espetáculo marcado para estrear na Jornada Artes Cênicas, inscrevi o grupo no XXX Festival de Teatro, Dança e Circo do Estudante. Porém, como a apresentação seria uma semana após o ocorrido, perguntei se ainda iríamos participar ou cancelava também. Todos aceitaram apresentar, como uma forma de homenagear também seu amigo que não estava mais entre eles, assim fizemos. Foi uma apresentação contagiante. A garra com que entraram em cena, uma energia que pulsava e a plateia vibrava e aplaudia em cena aberta. Fiquei nas coxias ajudando na função de contrarregra³² também, e muitas vezes parei para observar o quanto todos estavam solidários uns com os outros, atentos para a próxima cena, os olhos de cada um brilhavam ao ver o outro em cena. Muitos aplausos ao final.

Após o espetáculo, houve um debate muito produtivo nas colocações da funcionária organizadora do festival, do debatedor e da família que pôde comparecer à apresentação, que, por ter sido no horário da manhã, poucos puderam sair do trabalho para assistir seus filhos.

Imagem 51 - Panfleto de divulgação.



Fonte: Instagram da pesquisadora @rmarinalva (2022).

³² Contrarregra: é um dos profissionais mais importantes no teatro, mas invisível aos olhos do público. É ele que controla a entrada e saída de atores em cena, que coloca objetos e decorações no cenário, entre tantas outras coisas.

No dia seguinte, recebo fotos lindas da apresentação, enviadas junto com esse depoimento do estagiário do curso de Licenciatura em Teatro da UFPB, que estou supervisionando:

Parabéns por você ser essa professora incrível que você é, fazer tudo que você faz, acho que nunca disse isso verbalmente, mas você é uma baita professora, uma excelente arte educadora, uma professora encantadora que não só dá os conteúdos, mais dá espaço para as crianças, alegria, vivências, circo, arte. Queria muito ver as crianças, queria muito ter visto na Jornada, aí aconteceu o que aconteceu, por isso que eu precisava disso hoje, foi muito importante pra mim e foi maravilhoso (SILVA, 2022).

Imagem 52 - Cena do espetáculo “Brincando de Circo”. Teatro Lima Penante.



Fonte: Instagram da pesquisadora @rmarinalva (2022).

Não o vi na plateia, porque assim que terminou a apresentação ele foi correndo para sua aula na universidade. Trago aqui a sua fala porque foi uma pessoa que acompanhou o processo de montagem, a sequência de aulas e ensaios que passamos. Muitas vezes não percebemos o tamanho da grandeza de cada gesto, durante um processo de criação com nossos educandos, mas quando visto por quem está de fora do trabalho desenvolvido, tem uma outra conotação, principalmente quando esse olhar atencioso é de quem está enveredando por essa profissão de ser professor de Arte.

Nossos educandos voltaram a sair da escola com o espetáculo Brincando de Circo, vivenciaram uma experiência que para eles foi muito gratificante, fomos convidados pela Nik Fernandes, idealizadora do Projeto Somos Capazes, para participar da Tardezinha Inclusiva, organizado pela Funjope (Fundação Cultural de João Pessoa), na qual faço o receptivo com minha Palhaça Kika. Apresentar para crianças, jovens e adultos atípicos³³, foi muito especial, uma verdadeira inclusão pela arte, e essa é a ideia do Projeto. Essa inclusão já ocorre dentro do próprio espetáculo, porque no nosso elenco infantil contamos com uma criança TEA (Transtorno do Espectro Autista) e duas com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), as quais são super participativas e compreendidas por todos do grupo.

Imagem 53 - Panfleto de divulgação.



Fonte: Instagram da pesquisadora @rmarinalva (2022).

Quando plantamos uma semente, com o tempo podemos colher os benefícios da árvore que ali crescer, que pode ser uma boa sombra ou até mesmo os frutos, se assim for minha escolha por uma semente de uma árvore frutífera. Estou podendo colher os resultados agora de um projeto que iniciei em 2015, sem nenhuma intenção ou interesse pessoal, e sim proporcionar aos meus educandos uma aproximação, conhecimento e vivências com o encantamento do circo, por acreditar que iria contribuir para o seu aprendizado durante as minhas aulas de Arte. Essa pesquisa traz a importância dessa metodologia que vem

³³ Crianças, jovens e adultos atípicos: São pessoas com atipicidade no desenvolvimento, mas sobretudo, seres humanos. Têm sentimentos, sonhos, desejos, como todas as pessoas. Tem dificuldade em algumas coisas e muitas potencialidades em outras. Assim como todo mundo. Diferentes como todos nós.

encantando e fazendo com que minhas aulas sejam mais prazerosas e alegres, tendo a parceria da minha Palhaça Kika, nesse diálogo em sala de aula.

3 QUANDO A PALHAÇA KIKA ENTROU NA SALA DE AULA

Por que trazer a Palhaça Kika para a sala de aula? Por que não trazer? Alguns anos fiquei com esse questionamento, não sei se por medo da reação das crianças, ou medo do resultado da sua presença na escola. Essas eram algumas das minhas sensações quando refletia sobre esse assunto.

Desde 2011, leciono na E.M. Aruanda com turmas das séries iniciais do Ensino Fundamental. Experiência inovadora para mim porque, até aquele momento, ainda não havia lecionado para essa faixa etária. Minhas experiências, eram com turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e com o Ensino Médio. Um turbilhão de emoções passou pela minha cabeça. Como sempre gostei de desafios, resolvi, então, encarar essa etapa vendo como uma oportunidade de novos aprendizados diante de mim.

Nos primeiros anos, tive receio de trazer a palhaça para a sala de aula, por acreditar que poderiam ter medo, como, realmente, algumas crianças diziam ter medo de palhaço. Mas aos poucos, fui trazendo ela no primeiro dia de aula, dando as boas-vindas, brincando e tornando aquele primeiro dia recheado de muitas brincadeiras e risadas. As crianças aceitaram e entraram no jogo com risos e pequenas participações nas brincadeiras propostas.

Aos poucos, as crianças foram me conquistando, a cada sorriso, olhinhos atentos, abraços apertados, cartinhas de amor, declarações nos corredores, alegria ao me verem e, em coro, quando me chamam de “Tia Palhaça”. A minha Kika cresceu e agora é a “Tia Palhaça”. Ela encontrou seu caminho como palhaça e professora. Dialogando com Freire, reconheço a luta que nós professores e professoras enfrentamos para ter nossos direitos respeitados e nossa profissão reconhecida.

Não é possível também ser professora sem lutar por seus direitos para que seus deveres possam ser melhor cumpridos. Mas você que está me lendo agora tem todo o direito de, sendo ou pretendendo ser professora, querer ser chamada de tia ou continuar a ser. Não pode, porém, é desconhecer as implicações escondidas na manha ideológica que envolve a redução da condição de professora à de tia (FREIRE. 1993, p.26).

O termo "tia palhaça" foi adotado pelas crianças ao ter contato com a Kika nas minhas aulas. Não teria como resistir às várias crianças gritarem ao mesmo tempo ao vê-la entrar em sala. Como não se emocionar ao ser aceita por crianças que temem palhaços? Ao receber o carinho que fazem a você? Ao receber um desenho com o bilhete escrito “eu te amo, tia palhaça!”? Sei da minha responsabilidade como professora e as crianças também me

respeitam. A “tia” aqui trazido por eles foi a sua forma de dizer que querem também a palhaça por perto, que aprovam sua alegria e descontração.

A Kika foi chegando de mansinho, como que sem querer, mas querendo. Querendo mais espaço, mais abraços, mais sorrisos e, quando menos esperavam, já havia conquistado o coração até daqueles que diziam ter medo de palhaço. Quando estes eram perguntados sobre seu medo, diziam: “Ainda tenho medo, mas não da palhaça da tia”.

Imagem 54 - Cartinhas e desenho da Kika.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Por respeitar os que tinham medo de palhaço, fui trazendo a Kika sem sua indumentária com a qual se apresentava nos palcos, ruas e eventos. Trouxe ela vestida de jardineira e maquiagem colorida, sem a máscara, apenas a ponta do nariz pintado. Percebi que aqueles que tinham medo ficaram um pouco afastados, mas não pediram para sair de sala. Que para mim já era um ponto positivo, quando encaramos nossos medos, aos poucos eles vão se esvaindo e ficando apenas o cuidado e a curiosidade de vivenciar o novo.

Imagem 55 - Primeiro dia de aula. Escola Municipal Aruanda, turma 1º ano.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2015).

Buscando interagir com os que tinham medo, planejei uma aula para falar da construção da maquiagem do palhaço. Para isso, distribuí desenhos de rostos sem expressão, para que eles criassem uma maquiagem de palhaço, cada um do seu jeito. Mostrei imagens de maquiagens de palhaços em crianças e depois cada um criou a sua. Na aula subsequente, as crianças foram convidadas a repassar o desenho que haviam criado no papel para seus rostos.

Imagem 56 - Maquiagem de palhaço, grupo focal. Biblioteca Indústria do Conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Em outra aula, após o processo deles fazerem a própria pintura facial, resolvi montar a palhaça Kika diante deles. Mostrei todo o figurino para a turminha, fui no camarim da sala de vivência e me vesti. A etapa seguinte foi a maquiagem. Mostrei os materiais: lápis preto, batom vermelho, rímel, base, pó compacto, pancake branco e vermelho. Conversando com eles e me maquiando, alguns diziam: “A mamãe usa lápis de olho também, tia”, aí expliquei, que alguns materiais são iguais aos da mamãe; outros são específicos para maquiagem artística.

Imagem 57 - Montagem e maquiagem da Palhaça Kika na Escola Municipal Aruanda.

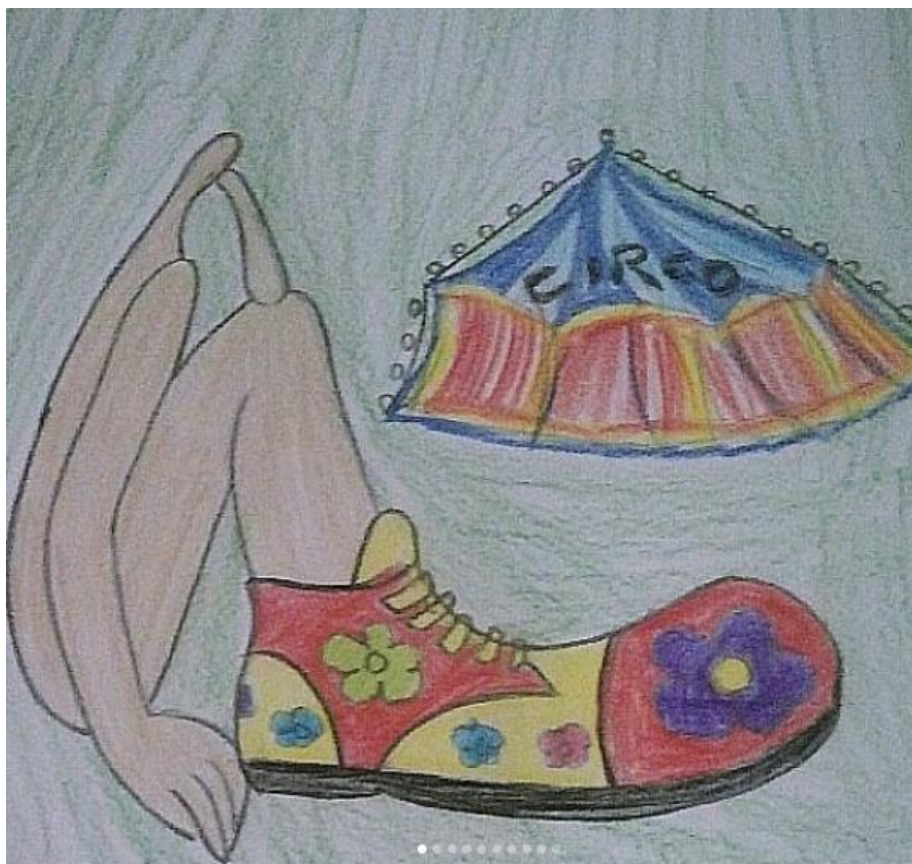


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2016).

O que mais chamou a atenção deles foi o sapato. Meu número de calçado é 37, o da Kika é 45, ou seja, eles não tiravam o olho, alguns queriam pisar, aí eu falava que não podia, porque ia machucar, mas, mesmo assim, ainda teve um que não se conteve e levei aquela pisada. Não doeu, mas fiz toda uma cena de dor; afinal, era o pé da Kika que ele estava pisando e não o meu. Teve aqueles que me defenderam dando bronca no colega. Achei lindo e depois falei que era brincadeira, que não havia machucado, mas não podia fazer para não amassar, sujar ou danificar o sapato.

Como eles gostavam do sapato da Kika, em 2020, desenvolvi uma aula para nosso período remoto, pela plataforma Meet, sobre releitura de obras de arte. Trouxe a imagem da pintura Abaporu, da Tarsila do Amaral, mostrei algumas releituras e pedi que eles fizessem uma releitura circense dessa obra. Fiquei encantada com os resultados.

Imagem 58 - Releitura circense do Abaporu de Tarsila do Amaral, turma 5º ano.



Fonte: Acervo Instagram da pesquisadora @rmarinalva (2020).

Destaco essa imagem, porque essa criança não gosta de palhaço, chorava quando estava diante de um, foi ao circo, mas fechava os olhos quando entravam os palhaços, estudou comigo desde o 1º ano e esse era seu último ano como sua professora de Arte, e me deparei com ela desenhando o sapato do palhaço na sua releitura. Para mim, isso foi uma conquista, porque ela me disse que continua tendo medo, mas não da Kika.

Um novo aprendizado estava sendo construído. Eu, como professora e artista, estava abrindo uma nova porta para minha palhaça diante das turminhas, respeitando seus limites de aceitação, mas também criando uma expectativa de curiosidade nas crianças quando estavam diante da Palhaça. A gritaria de felicidade e em coro falarem ao mesmo tempo “TIA PALHAÇA”, quando eu chegava à porta, sem falar na correria para abraçar, quase todos ao mesmo tempo, eram reações rotineiras. Depois corriam para sentar de olhos atentos na expectativa sobre o que iríamos estudar.

Em 2022, após dois anos de ensino remoto, as crianças retornaram à sala de aula ansiosas e ao mesmo tempo carentes de atividades coletivas. A minha palhaça foi essencial nesse momento. Optei por manter a sua energia durante as minhas aulas. As crianças

começaram a perceber que a Kika estava presente, mesmo sem a sua indumentária, através das minhas ações, reações, formas de falar, brincar e principalmente direcionar as atividades.

Essa performatividade do professor é vista por Ciotti como:

Somos todos performers no sentido geral, mas existem diferenciações. O artista se apropria da performance num sentido de ruptura com padrões tradicionais da arte. E eu, enquanto professor, me aproprio da palavra performance para falar de uma atitude pedagógica diferenciada. Não só corpo, voz e lugar estão imbricados, como também, nessa forma de ver a performance, está implícita uma preocupação pedagógica (CIOTTI. 2014, p. 21).

A professora Marinalva e a Palhaça Kika, juntas, performatizam a tia palhaça, trazendo uma ruptura nos padrões tradicionais de ensino na sala de aula. A Arte através do olhar da professora artista trouxe para meus educandos um valor de pertencimento, de aproximação do fazer artístico, porque aos poucos eles iam se soltando e mostrando cada um o seu talento artístico. Costumo dizer para eles que organizo minhas aulas como se fosse ministrar para mim mesma, buscando me encantar por aquele conteúdo, porque, quando consigo fazer isso, sei que todos irão também se encantar.

A Kika é a minha criança interior em ação constante, sua leveza, e ao mesmo tempo sua peraltice, fazem com que as crianças se identifiquem. Tudo à sua volta é motivo de aprendizagem, valoriza e amplifica falas ou ações realizadas pela turminha durante o conteúdo trabalhado, criando a partir daí uma sequência de ações e partituras corporais que ajudarão no desenvolvimento da sua comunicação diária. Sua inocência não a deixa vulnerável; pelo contrário, é atrativa, para atrair aqueles que temem palhaços ou não se identificam com essa personagem, sem precisar forçar a sua participação, afinal, aprender brincando é muito mais prazeroso.

Para Dias (2018, p.225), “a brincadeira é um momento de aprendizado prazeroso, onde a criança brinca e aprende através da experiência, das repetições que são momentos de reflexão”. Essa energia do brincar tendo a arte como recurso pedagógico faz com que a criança aprenda de uma forma prazerosa e contínua. Esse aprendizado é interiorizado e exteriorizado através das suas ações no decorrer da aula ou brincadeira proposta em sala.

A Kika veio para ficar, conquistou seu espaço na sala de aula e principalmente na escola, foi batizada pelas crianças como a Tia Palhaça. E hoje em dia, ela não precisa estar com sua indumentária para que seja percebida por todos. Seja no seu bom dia cantado, dançado ou até mesmo imitando alguém ao chegar na sala; é um olhar diferenciado durante a aula; é uma fala que vem no improviso diante de uma situação inusitada provocada ou não pelos educandos. Esse estado de alerta para tudo que acontece à sua volta, que é uma postura

natural da palhaça, torna essa relação saudável. E como dizia Freire (1993, p. 119): “É neste movimento dialético que ensinar e aprender vão-se tornando conhecer e reconhecer. O educando vai conhecendo o ainda não conhecido e o educador, re-conhecendo o antes sabido”. Eles não têm a mínima noção do quanto tem me ensinado e contribuído para o crescimento da Kika como palhaça, é uma troca de saberes constante.

A Palhaça Kika se comunicava utilizando o gromelô³⁴ como fala, que é um tipo de dialeto usado pelos palhaços para se comunicarem. Após o contato com as crianças na sala de aula, a sua voz foi chegando aos poucos. Hoje ela fala, mesmo não estando presente fisicamente com sua vestimenta. Tudo o que acontece na sala é captado e transformado numa deixa para a Kika falar, soltar suas improvisações e atrair o riso das crianças com suas piadas bobas, mas recheadas de muito carisma.

Quando iniciei esse projeto de circo na escola, nunca imaginei que ele iria me trazer de volta à universidade para estudar e pesquisar o quanto ele é importante para as crianças que passaram por essas vivências e para mim enquanto professora e palhaça. “Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 1987, p. 68). Não sou mais a mesma professora, desde que minha palhaça entrou na sala de aula da Escola Aruanda. Essa triangulação de diálogos entre as crianças, a professora e a palhaça criaram novas experiências para todos os envolvidos.

³⁴ Gromelô: É um jogo onomatopaico, articulado com arbitrariedade, mas capaz de transmitir, com o acréscimo de gestos, ritmos e sonoridades particulares, um discurso completo.

Imagem 59 - Encerramento do Projeto O circo chegou.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Esta pesquisa que traz o diálogo e corporeidade de uma professora/palhaça se tornou realidade ao me deparar com essa cena da imagem 59, que aconteceu no encerramento do Projeto o Circo Chegou de 2022, no qual a Palhaça Kika faz a mestre de cerimônia das apresentações circenses das turmas para todos os convidados no ginásio da escola. No momento da apresentação das turmas dos 5º anos, que estavam apresentando número de acrobacia de solo, a dupla que ia encerrar com uma segunda altura, a portô havia faltado, por estar doente, e a volante estava chorando porque não ia se apresentar. No impulso da palhaça diante daquela situação, perguntei: “- Você confia na sua professora? Confia na Palhaça Kika? Eu faço com você, serei sua portô, quer?” Ela abriu o sorriso e disse: “Quero!”. Anunciei o ocorrido e pedi a atenção de todos para que acompanhassem aquele momento de portagem e confiança.

É claro que fiquei nervosa, não imaginava que ela fosse topiar, foi um momento de muita concentração de ambas, porque ela nunca havia subido na segunda altura em mim, sempre fiquei ao lado dando segurança e orientando a postura de ambas. Fomos aplaudidas em cena aberta, quando vi essa foto, com ela retinha, sorridente, confiante, pude perceber o quanto é gratificante poder vivenciar esses momentos com eles.

Não basta ser professor, tem que participar, estar presente, interagir com nossos educandos sempre que for preciso, deixando-os envolvidos e seguros com o conteúdo que está sendo ministrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um lugar no qual as experiências vivenciadas podem ir além do simples aprendizado de determinados conteúdos. O componente curricular Arte abre um leque de possibilidades para agregar experiências que podem ultrapassar os livros e seus conteúdos, trazendo na sua prática um aparato de saberes que podem somar com as vivências anteriores dos educandos. “A experiência em si tem um caráter emocional satisfatório, porque possui integração interna e um desfecho atingido por meio de um movimento ordeiro e organizado” (DEWEY, 2010, p. 114), criando um elo entre a escola e a comunidade a sua volta, podendo ser ampliado quando envolve suas culturas, tradições e artistas locais.

Cada lugar de repouso, na experiência, é um vivenciar em que são absorvidas e incorporadas as consequências de atos anteriores, e, a menos que esses atos sejam de extremo capricho ou pura rotina, cada um traz em si um significado que foi extraído e conservado (DEWEY. 2010, p.140).

Analisando essa escrita do Dewey, vejo que cabe ao professor incorporar essas experiências anteriores dos nossos educandos aos conteúdos programados, criando uma nova rotina em sala de aula, em que todos terão suas contribuições, com as quais serão reconhecidos e valorizados. Sempre tive esse cuidado de ouvir o meu educando sobre o seu conhecimento prévio relacionado ao assunto abordado, o que faz toda a diferença na aproximação e interesse pelo conteúdo lecionado. “Embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 2021, p. 25), criando a partir daí uma nova experiência com essa junção e troca de saberes.

A Arte na educação tem um papel fundamental. Quando aproximo meus educandos das variadas formas artísticas, estou desenvolvendo o seu olhar crítico, humanizado e criativo. Quando a escola coloca à disposição no seu currículo as habilidades artísticas para que seus educandos possam ter vivências práticas e teóricas com elas, as experiências ali geradas serão únicas. Não estou aqui reforçando a polivalência no ensino das Artes. Pelo contrário, cada profissional precisa desenvolver e atuar na área com a qual tem formação. Cabe à escola manter profissionais de componentes curriculares diferentes no seu ambiente de trabalho.

Costumo dizer que o mundo da Arte me escolheu, porque não tenho histórico de artistas na família. Me apaixonei por esse universo artístico, a partir de uma experiência vivenciada na escola durante a minha infância. Não foi por causa de uma ação realizada por um professor de Arte, e sim, por uma pessoa de fora do colegiado, da comunidade, que

propôs, e a escola abriu as portas. Quem poderia imaginar que sugeria, após aquele projeto, a professora-artista que sou hoje?

Não estou aqui dizendo que minha proposta é fazer com que meus alunos enveredam pelo mundo da Arte, se isso ocorrer, perfeito, mas não é o meu objetivo final. Como leciono Arte desde 1997, tenho no meu convívio pessoas que já dividimos palco e que estudaram comigo. No grupo de teatro Argonautas, tem uma atriz da qual fui professora no ensino fundamental e que se identificou com o teatro a partir das minhas aulas, hoje tem mestrado em psicopedagogia e continua atuando.

Nossa função como professor(a) é proporcionar experiências aos nossos educandos, independentemente da nossa área de atuação. Um professor provocador, mediador de conhecimentos, criativo e comunicativo, fará o diferencial diante dos seus educandos, podendo despertar interesses até então despercebidos pelos mesmos.

Como professora/palhaça, trago a brincadeira circense por meio dos jogos, porque acredito no aprendizado também a partir do jogo, da ludicidade criativa. Reforço a importância do jogo a partir da escrita de Castro ao citar:

Jogo pode ser entendido como atividade cuja natureza é a diversão, o entretenimento. Sinônimo de brincadeira, de ludíbrio, de folguedo. Palhaços estão sempre jogando, seja na inversão da ordem estabelecida, seja na relação com o público ou no trato com os objetos de cena. Um jogo normalmente é submetido a algum tipo de acordo, regras ou condições pré-estabelecidas para determinada situação. Para jogar, o palhaço e público estabelecem entre si os códigos, sabendo o que se passa (CASTRO, 2019. pp. 108-109).

O diálogo proposto inicialmente com a turma deixa claro as regras e acordos, para que nossa comunicação seja eficiente e que todos possam vivenciar o processo como um todo. Enfatizar as regras não enrijece o ensino, pelo contrário, demonstra cuidado e empatia com aqueles que precisam de um olhar diferenciado no seu processo de aprendizagem e assimilação das etapas.

Ao trazer o circo e a minha palhaça para a sala de aula, criamos um diálogo que ultrapassou o simples conteúdo programado. É perceptível o empoderamento das crianças ao falar e vivenciar as aulas de Arte. A expectativa sobre o que iremos estudar, seus interesses e participação é total. “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (FREIRE, 2021, p. 85).

O meu mestre de circo tradicional, Djalma Buranhém, muito me inspirou, com o seu projeto Circo Escola Pirilampo, cujo objetivo era preparar os jovens da comunidade para uma

profissão. O objetivo desta pesquisa foi trazer a linguagem circense como uma forma de ensino e aprendizagem através do componente curricular Arte no cotidiano escolar, para que meus educandos pudessem valorizar através da prática essa cultura tão rica. Esse diálogo tendo o intermédio da minha Palhaça Kika tornou esse processo ainda mais alegre e descontraído.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2021, p. 30/31).

O circo na escola não é uma novidade, como foi citado anteriormente e pesquisado durante os meus estudos. Porém, o interesse em desenvolver a pesquisa que agora se finda partiu de minha inquietação como educadora que busca conhecer outras maneiras de lecionar Arte, trazendo minhas vivências como artista profissional na arte da palhaçaria para dentro da minha sala de aula. Sigo me surpreendendo tanto quanto as crianças com os desdobramentos que essas experiências têm nos proporcionado.

Convidei meus educandos para sairmos da nossa rotina diária, tendo a arte circense como base para nossas novas experiências e descobertas, onde a criatividade e o prazer de brincar fosse o foco, e nossos objetivos fossem alcançados coletivamente, visando o processo e não o resultado final. E assim, concluímos este relato de experiência, com o espetáculo Brincando de Circo, uma corporeidade circense de aprendizagens e descobertas coletivas, juntando as brincadeiras infantis e a arte circense da palhaçaria, com jogos de malabares, contorção, rola-rola e acrobacia, habilidades escolhidas pelas crianças, ao se identificarem durante as vivências nas oficinas práticas no decorrer do processo.

Após a parceria e a convivência direta entre a palhaça Kika e as crianças na escola, foram ampliadas a corporeidade e a comunicação com esse público infantil, passando agora a alçar novos voos e desafios ao assumir a responsabilidade de recepcionar crianças e jovens atípicos no Projeto Somos Capazes, uma experiência de inclusão através da Arte. Novas experiências estão por vir.

A arte joga fora os véus que escondem a expressividade das coisas vivenciadas; instiga-nos a sair do marasmo da rotina e permite que nos esqueçamos de nós mesmos, descobrindo-nos no prazer de experimentar o mundo à nossa volta, em suas qualidades e formas variadas (DEWEY, 2010, p.212).

Uma das consequências positivas mais marcantes desse trabalho de pesquisa se apresenta agora, com o projeto de criação de um grupo de teatro e circo na escola, após pais e crianças pedirem à direção pela continuidade do trabalho realizado. Destaco que a escola já possui um grupo de balé, coordenado pelo professor coreógrafo da banda. Meu sonho sempre foi montar um grupo de teatro e circo. Agora, a direção, após a pressão dos pais, me pediu para montar um portfólio do projeto de circo e um projeto para o curso de teatro e circo, para ela apresentar na secretaria de educação do município e poder reduzir minha carga horária em sala de aula, liberando assim espaço para meu trabalho ser remunerado, dentro da minha carga horária. Como alguns educandos estavam cursando o 5º ano e irão para o turno da tarde, perderão o vínculo comigo, tendo em vista que à tarde é outra professora de Arte. As aulas irão acontecer no final do expediente da manhã e antes do início da tarde, para que tanto as crianças da manhã possam participar quanto as da tarde. Concretizando a partir daí, uma continuidade do trabalho desenvolvido nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lenita Ponce Mendes de. **Educação na cultura digital, um desafio corporal**. 2018. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

ALMEIDA, Luiz Guilherme Veiga de. **Ritual, risco e arte circense**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 7a Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM, julho de 2003.

BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços**. São Paulo: editora UNESP, 2003.

BOLOGNESI, Mário Fernando. O circo e a formação em Artes Cênicas. In: BORTOLETO, Marcos Antonio Coelho; BARRAGÁN, Tereza Ontañón; SILVA, Ermínia (Org.). **Circo: horizontes educativos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. p. 27-36.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC/2018. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em 20 jun. 2020.

Prefeitura Municipal de João Pessoa. Escola Municipal Aruanda. **Projeto Político Pedagógico**. Versão 2019.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1997.

CASTRO, Alice Viveiros. **O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Família Bastos, 2005.

CASTRO, Lili. **PALHAÇOS: multiplicidade, performance e hibridismo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

CIOTTI, Naira. **O professor-performer**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Org. Jo Ann Boydston; editora de texto Harriet Furt Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro. Martins Fontes, 2010.

DIAS, Luciana Ataíde. O lúdico, o jogo e a peça didática Brechtiana. In: CANANÉA, Fernando Abath (Org.). **Educação: território do sensível**. João Pessoa: IMPRELL, 2018. p. 221-246.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; GALLARDO, Jorge Sergio Pérez. **Artes Circenses no âmbito escolar**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

ENGEL, M.R.S. MOREIRA, W.W. Teatro na escola: corporeidade aprendente. **Revista do SELL**, Uberaba/MG (online) - V. 9 n. 2, p. 258-277, jul./dez. – 2020.
<https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/4874>

ESCOLA PERNAMBUCANA DE CIRCO. **Circo Social e Rede Circo do Mundo Brasil**. Recife-PE, 2015. Site. Disponível em: <<http://www.escolapecirco.org.br/website/escola-pernambucana-de-circo/circo-social/>>. Acesso em 11 set. 2022.

FONSECA, Eglon Pinto da. **O corpo e seus sentidos**: perscrutando possibilidades no trabalho do arte educador circense. 2018. 132 f. Tese (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Professora sim, tia não** – Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1993.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 67ª. ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GALLO, Fábio Dal. **Escola Picolino**: o circo social e a arte-educação. São Paulo: Perspectiva; [Salvador: PPGAC/UFBA], 2018.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir**: Corporeidade e educação. 15ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. – (Coleção Corpo e Motricidade).

MENDES, Simone de Fátima Alves. **Conhecimento corporal na educação infantil**: uma proposta pedagógica a partir da arte circense e de brincadeiras infantis. Dissertação (mestrado) - UFPB/CCTA. João Pessoa, 2020.

POZAS, Denise. **Criança que brinca mais aprende mais**: A importância da atividade lúdica para o desenvolvimento cognitivo infantil. Rio de Janeiro: ed. Senac Rio, 2011.

REIS, Demian Moreira. **Caçadores de Riso**: o maravilhoso mundo da palhaçaria. Salvador: EDUFBA, 2013.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. **Olho vivo**: arte-educação na exposição labirinto da moda: uma aventura infantil. 1999. Disponível em:
 <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-17022016-112519/publico/DoutoradoRizzi.pdf>>. Acesso em 11 set. 2022.

SANTOS, Marinalva Rodrigues. Saia do virtual e venha brincar de circo. In: CANANÉA, Fernando Abath (Org.). **Educação (re)viva**: novas reflexões, novas resistências. João Pessoa: Ideia, 2019. p. 207-231.

SILVA, Ermínia. Aprendizizes permanentes: circenses e a construção da produção do conhecimento no processo histórico. In: BORTOLETO, Marcos Antonio Coelho; BARRAGÁN, Tereza Ontañón; SILVA, Ermínia (Org.). **Circo**: horizontes educativos. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. p. 7-26.

SILVA, Joseane Pereira da. **Depoimento**. Aplicativo WhatsApp: Privado. Destinatário: Marinalva Rodrigues dos Santos. João Pessoa. Acesso em 19 jan. 2023. 19:50.

SILVA, Pedro Machado Soares da. **Depoimento**. Aplicativo WhatsApp: Privado. Destinatário: Marinalva Rodrigues dos Santos. João Pessoa. Acesso em 09 nov. 2022. 19:54.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula**: um manual para o professor. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **Jogos Teatrais**: o fichário de Viola Spolin. Tradução Ingrid Dormien Koudela. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **Improvisação para o teatro**. Tradução revisão Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VENDRUSCOLO, Cinthia Ramos Pereira. O circo na escola. **Motriz-revista de Educação Física**. Rio Claro: Univ. Estadual Paulista-Unesp, Inst. Biociencias, v. 15, n. 3, p. 729-737, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/6757>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ANEXOS

Questionário Inicial - Cápsula do Tempo.

1 – Você já foi ao circo? Se sim, onde? No seu bairro?

2 – Se você não foi ao circo, você saberia dizer o que é um circo?

3 – Você já assistiu algum espetáculo de circo em mídias digitais?

4 – Você já viu algum espetáculo de circo fora do picadeiro?

5 - Existem tipos diferentes de circo, ou você acha que são todos iguais?

6 - Já ouviu falar de circo-teatro ou Companhia de Circo-teatro?

7 – Você conhece alguma pessoa que mora no circo?

8 – Os circos são divididos em algumas modalidades ou números, você conhece alguns números ou modalidades circenses? Quais?

10– Sabe o que é acrobacia?

11 - Você sabe o que é malabares? Você já viu malabaristas nos semáforos?

12 – Você tem medo de palhaço? Pra você o que é ser palhaço(a)?

13 – Quando você escuta a palavra “equilíbrio” qual imagem vem a sua mente? Descreva essa imagem...

14 – Se você tivesse a oportunidade de ser membro de um circo, ou de uma Companhia Circense, qual personagem ou modalidade iria desenvolver? Faça um desenho desse personagem que você gostaria de ser no mundo do circo.

Questionário Final

1 – Após as aulas deste ano/semestre, em que trabalhamos o circo, qual aula de circo te chamou mais atenção, interesse e vontade de aprender mais?

2 – Você contou para alguém o que estava vivenciando aqui nas aulas de Arte?

3 – Você comentou em casa, com seus familiares, sobre as aulas de circo? Como eles/as reagiram?

4 – Você chegou a praticar as atividades circenses fora da escola? Com seus familiares? Vizinhos? amigos?

5 – Você gostou das aulas ministradas pela Palhaça Kika? Descreva um momento que você mais gostou com ela?

6 – Escreva em poucas palavras, como foi para você vivenciar esse projeto de circo com sua professora/artista/palhaça ou como ela é comumente chamada: Tia Palhaça.

7 – O que sua família achou da apresentação final do Projeto o Circo Chegou na escola? Você participou ou assistiu ao espetáculo Brincando de Circo? Como foi essa vivência pra você?

APÊNDICE

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 5.249.760

existir no jogo apresentado e praticado, como bem enfatizado por Ferreira (2015). Com base nos estudos de Pozas (2011, p. 39), ao citar que "o brincar é uma atividade cotidiana da criança, na qual ela expressa a forma como pensa, ordena e constrói a realidade. Brincar é experimentar o novo." Destacaremos a importância do brincar para fortalecer o vínculo do grupo durante os estudos propostos. Hipótese: o circo na escola pode ser um mecanismo de diálogo pedagógico na perspectiva de fortalecimento da aprendizagem em Artes Cênicas e uma nova possibilidade de atrair o educando para o fazer artístico através de uma prática com a cultura circense?

I

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar o diálogo e a corporeidade circense como uma metodologia de ensino aprendizagem em Arte.

Objetivo Secundário:

1) Analisar o perfil do grupo focal, valorizando seu histórico corporal e cultural; 2) Identificar a importância dos jogos e corporeidades circenses para o desenvolvimento e prática social dos educandos no ambiente escolar; 3) Investigar e avaliar as contribuições do diálogo entre a professora/artista e seus educandos nas aulas de Arte nas turmas dos 4º e 5º ano da E.M.E.I.F. Aruanda.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Quedas; Desentendimento; Desequilíbrios; Impacto na manipulação dos objetos de malabares.

Benefícios:

Estimular a capacidade criativa dos educandos; Desenvolvimento social e coletivo; Consciência corporal, cooperação, superação de limites, respeito mútuo, entre outros aspectos que podem promover o crescimento integral do indivíduo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Desenho:

Endereço:	Prédio da Reitoria da UFPB - 1º Andar		
Bairro:	Cidade Universitária	CEP:	58.051-900
UF:	PB	Município:	JOÃO PESSOA
Telefone:	(83)3216-7791	Fax:	(83)3216-7791
E-mail:	comitedesica@ccs.ufpb.br		

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Projeto: 5.249.760

Desenvolveremos uma metodologia tendo como procedimento a pesquisa participante, com sua abordagem qualitativa, focando no fazer, experienciar, recriar e ressignificar, trazendo como um dos eixos os preceitos do circo social. Segundo Gallo (2018, p. 20), "Circo Social é um fenômeno no qual são utilizadas as disciplinas circenses como instrumento de educação, formação e ação social." Buscando entender a diversidade, as maneiras de aprendizagem, promovendo interações corporais permeadas de intencionalidades criativas, dinâmicas e desafiadoras que promovam o desequilíbrio para a descoberta e construção da socialização do grupo focal. Teremos etapas distintas que serão vivenciadas no decorrer das duas aulas semanais do grupo focal durante cinco semanas, nas quais estão interligadas as competências citadas nas Artes Integradas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que são "Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte". Desenvolveremos uma metodologia tendo como procedimento a pesquisa participante, com sua abordagem qualitativa, focando no fazer, experienciar, recriar e ressignificar, trazendo como um dos eixos os preceitos do circo social. Segundo Gallo (2018, p. 20), "Circo Social é um fenômeno no qual são utilizadas as disciplinas circenses como instrumento de educação, formação e ação social." Buscando entender a diversidade, as maneiras de aprendizagem, promovendo interações corporais permeadas de intencionalidades criativas, dinâmicas e desafiadoras que promovam o desequilíbrio para a descoberta e construção da socialização do grupo focal. Teremos etapas distintas que serão vivenciadas no decorrer das duas aulas semanais do grupo focal durante dez encontros por turmas, totalizando quarenta oficinas nas quatro turmas, nas quais estão interligadas as competências citadas nas Artes Integradas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que são "Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte".

Critério de Inclusão:

Aceitação dos pais; Querer participar; Educandos e educandas das turmas dos 4º e 5º ano.

Critério de Exclusão:

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB, 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOÃO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Protocolo: 5.269.790

Não aceitação dos pais; Não querer participar; Educandos e educandas que não são das turmas do 4º e 5º ano Metodologia de Análise de Dados:

Roda de conversa; Diário de bordo; Entrevistas; Registros fotográficos; Vídeos.

Desfecho Primário:

Analisar o diálogo e a corporeidade circense como uma metodologia de ensino aprendizagem.

Analisaremos o brincar, a consciência corporal e a ludicidade existentes na linguagem circense para um melhor desenvolvimento e participação do

coletivo em sala de aula, com ênfase nas regras de convivência e riscos mínimos que possam existir no jogo apresentado e praticado, como bem

ênfático por Ferreira (2015). Com base nos estudos de Pozas (2011, p. 39), ao citar que "o brincar é uma atividade cotidiana da criança, na qual

ela expressa a forma como pensa, ordena e constrói a realidade. Brincar é experimentar o novo."

Destacaremos a importância do brincar para

fortalecer o vínculo do grupo durante os estudos propostos.

Introdução:

Data de Submissão do Projeto: 22/12/2021 Nome do

Arquivo: PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1726246.pdf Versão do Projeto: 1

Página 2 de 4

Tamanho da Amostra no Brasil: 120

Data do Primeiro Recrutamento: 04/04/2022

Desfecho Secundário:

Identificar a importância dos jogos e corporeidades circenses para o desenvolvimento e prática social dos educandos no ambiente escolar; Investigar

e avaliar as contribuições do diálogo entre a professora/artista e seus educandos nas aulas de Arte.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

atende as exigências institucionais

Recomendações:

vide campo conclusões ou pendências e lista de inadequações

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOÃO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 5.249.760

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram observados óbices éticos

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1726246.pdf	22/12/2021 16:50:45		Aceito
Orçamento	Orçamento_Marinalva_Rodrigues.pdf	22/12/2021 16:49:09	MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Marinalva_Rodrigues.pdf	22/12/2021 16:47:37	MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
Cronograma	Cronograma_Marinalva_Rodrigues.pdf	22/12/2021 16:25:38	MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Certidão_Colegiado_Marinalva_Rodrigues.pdf	22/12/2021 15:30:57	MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Anuencia_Marinalva_Rodrigues.pdf	22/12/2021 15:28:47	MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_Marinalva_Rodrigues.pdf	22/12/2021 15:15:22	MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Marinalva_Rodrigues.pdf	22/12/2021 15:12:34	MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Marinalva_Rodrigues.pdf	22/12/2021 15:11:53	MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOÃO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Diálogos e corporeidade circenses existentes entre uma professora artista e seus educandos nas aulas de Arte no ensino fundamental da Escola Aruanda no município de João Pessoa/PB.

Pesquisador: MARINALVA RODRIGUES DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 54571521.1.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Comunicação, Turismo e Artes

Patrocinador Principal: Capes Coordenação Aperf Pessoal Nível Superior

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.249.760

Apresentação do Projeto:

Resumo:

No presente estudo, destacaremos a inclusão das atividades circenses no contexto educacional, entendendo que a escola deve ser um dos principais meios de ensino/aprendizagem e produção de cultura, valorizando a expressividade corporal, o criar, recriar e contextualizar os conhecimentos no universo educativo, tendo na disciplina de Arte essa força e responsabilidade de oferecer esse aprendizado. As práticas circenses neste projeto não serão limitadas ao âmbito da diversão, mas serão abordadas como um conhecimento ou reconhecimento corporal diante das propostas dialogadas, exploradas durante as aulas práticas e rodas de conversas, contribuindo para a formação de um educando crítico, capaz de agir e interagir em seu meio social. Nesse sentido, as questões trabalhadas nas aulas deverão ser apresentadas por meio de problematizações que estimulem a capacidade criativa dos educandos. Introdução Analisaremos o brincar, a consciência corporal e a ludicidade existentes na linguagem circense para um melhor desenvolvimento e participação do coletivo em sala de aula, com ênfase nas regras de convivência e riscos mínimos que possam

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB, 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOÃO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: S.269.760

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOÃO PESSOA, 18 de Fevereiro de 2022

Assinado por:

Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOÃO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

ENTREVISTA COM DJALMA BURANHÉM

Dia: 21 de set. de 2022, às 16h37min.

Local: Bairro de Jaguaribe, residência do entrevistado.

Djalma: Foi meu primeiro circo o Arte Palácio fundado em 1958, o show quando tinha teatro, cada ano eu fazia diferente. Ferro em brasa, Heróis do Sertão, Sansão e Dalila. Jerônimo o Herói do Sertão. Tudo que tinha de teatro eu gostava. Lágrimas de honra era uma peça que tinha que chamava a atenção, isso era casa cheia, ficava pendurado os cartazes nos mastareis, sabe, quando anunciava o dia, o pessoal ficava, hooo!!... Aí veio à televisão e acabou. Aí a gente mudava o jeito do circo, tentava. Nove anos de fundado, dez anos. quatro de janeiro de 1966. Aqui foi no Belém do Pará que os artistas vieram todos, aí tive que fretar um avião. A caixa de espada.

Marinalva: Vocês fabricavam, não é as caixas, lembro do Djaelson fazendo.

Djalma: A gente fazia tudo, a caixa de espada a moça entra com ela, a gente abre a caixa bota a moça dentro, fecha a porta e depois vem as espadas, você vai cravando, depois abre, ela desaparece e está só as espadas. Depois ele fecha, tira as espadas todinhas e quando abre a moça está dentro de novo, o povo ficava incrível com esse número.

Marinalva: Circo na Bahia, em Natal, e essa história do Los Pipim, é o nome do palhaço?

Djalma: É o Pipim, era uma família, eles colocavam o nome dele.

Mari: O América Circus foi o seu, não?

Djalma: Foi, o meu foi Ney América Circus. Aqui foi o Lichan, o mágico, eu contratei ele. Aqui sou eu e meus filhos, quando eles estavam de férias, faziam questão de trabalhar, eu dizia mais rapaz! Olha os leões! Eu trabalhando com os leões.

Mari: Essa foi a fase dos animais.

Djalma: Foi para cobrir a falta do teatro.

Mari: E para chamar a atenção do público, já que tinha a concorrência da TV.

Djalma: Exatamente, eu tinha um circuzinho que eu já armava antes do material chegar, tinha o relação pública que já fazia a propaganda, pregando cartazes essas coisas, eu já vinha com o trailer e já tava a tomar conta. E aqui dos voos, eu fazendo o aparador, eu pegando-o na mão, depois devolvo, um vai e o outro vem, eu pego os dois num tempo só, os trapezistas voadores. E aqui o Folicham, olha que número bacana, uma guilhotina e ele corta a cabeça da mulher, tcharr, ele bota um balde aqui na frente e a cabeça cai dentro, o povo chega gritava... Aaaiiii

Tinha que fazer tudo, fazia até palhaço, olha aí...

Mari: O bom é que o senhor na Escola Pirilampo fazia a mesma coisa com os alunos, tinham que fazer tudo. Lembro das broncas que eu levava, porque não queria fazer o trapézio voador, porque eu tinha medo da queda de costas... (risos)

Djalma: Em Recife... O circo Portugal era concorrência comigo, um do lado do outro, nunca aconteceu isso aqui.

Mari: Então o senhor chegou a ter, elefante, girafa e leões?

Djalma: Isso, e a leoa chegou a dar cria, deu dois, um casalzinho, achei tão lindo, trouxe pra casa, quando cheguei aqui, não ele não vai fazer nada não, deixei eles aí, ele pegou no sofá, tirou uma abocanhada daquele tamanho, eu disse meu Deus do céu. (risos)

Aqui são meus filhos quando estavam de férias eles iam pra lá e começavam, aqui é Djaelson fazendo pecha comigo, aqui o cara fazendo o Giro, aqui prende no giro e ele gira.

Esses aqui são os Los Fareze, os artistas chilenos que eu contratei, eles faziam arame em grande altura, botava essa vara sobre o ombro e a filha dele vai pra cima, ele e a esposa, vão andando até lá, isso numa grande altura e sem proteção de rede, sem nada. Era a altura do circo.

Mari: Olha a quantidade de pratos.

Djalma: Você pode fazer um número desse, entendeu! Tem uns cavaletes e uns canos para encaixar as varetas, ele ia girando e antes de chegar no último o pessoal estava torcendo para cair, antes de parar ele cumprimentava o público, o circo vinha abaixo.

Mari: O segredo era manter girando todos sem parar até encaixar o último, ou seja, a brincadeira era usar a velocidade a seu favor.

Djalma: Olha o malabares de fogo no arame. Olha aqui eu pegando os dois trapezistas num tempo só, estou entregando um e recebendo o outro. Dá uma saudade medonha.

Mari: Aqui se encerra o álbum de fotos de Djalma Buranhém, filho de Kissiano Buranhém e neto de Joaquim Cruz, teve uma carreira circense honrosa e que não parou nele, deixando um legado para as futuras gerações através do projeto social Circo Escola, Djalma parou com a vida circense e se converteu ao cristianismo, se tornando um diácono na igreja evangélica Batista de João Pessoa. formou uma família linda com Terezinha Cavalcante Alves, composta por nove filhos, 18 netos e 15 bisnetos. Que lindo seu Djalma! (risos)

Djalma: Esse outro álbum é da família Alves, da família do meu pai, do meu avô e a minha também.

Mari: As três gerações...

Djalma: Olha aqui, eu e Tereza... Eu cantava aquelas músicas que estavam no auge (cantando) “Partiu na caravana da ilusão que tinha o olho do Sultão, para comprar o teu amor, o meu amor... (para de cantar) Tinha o show de variedades e depois a peça teatral. O povo se pegava muito porque assistiam ao circo, assistia ao show e ainda assistiam a peça teatral, aí chegou a televisão e acabou com tudo. Depois, quando deixei o circo, fui ser caminhoneiro, primeira viagem a São Paulo. Já dirigia os caminhões do circo. No circo tinha ônibus, caminhão, trailer, cercava o circo todinho, depois vinha a cerca. Aí um dia os ladrões doidos para entrar, via aqueles trailers todos fechados, não sabia, um dia um entrou lá, os empregados, vieram me chamar: “Esse camarada aqui estava arrombando o trailer da contorcionista americana, o que se faz com ele?” Eu disse, traga ele que eu quero colocar ele na jaula do leão. Pelo amor de Deus, o cabra se ajoelhou nos meus pés, abraçando minhas

pernas, pedindo que pelo amor de Deus não faça isso comigo não. O que? Cê ainda vem aqui ainda? Não, não venho não, eu juro que não venho! Então vá embora... pulou a cerca e foi embora. (risadas) Eu fiz sabendo que não podia butar, mas para dar um susto nele, ele não vem mais.

Mari: Como surgiu o circo escola aqui, o senhor já tinha fechado o circo, não é?

Djalma: Eu parei de circo, vim pra aqui, quando estava aqui, os leões que eu tava com eles, coloquei aqui no fundo do quintal, nessa outra casa tinha só o terreno, aí eu fechei tudinho e na frente, mas quando dava de noite os leões começavam, uhuurr, uhurr (Imitando os leões) escutava lá do centro da cidade. O prefeito me mandou me chamar no outro dia bem cedinho. “O que danado que o senhor tem ali, o senhor vai montar um circo é?” É sim senhor, mas não vou montar aqui não, eu moro aqui desde 1957, que tenho circo e tal, e aí eu parei agora e vou viver de uma outra maneira, porque meus filhos casaram tudinho, aí expliquei pra ele. “Mas tira daqui eu não quero ver nenhum aqui, tá ouvindo?” Eu disse estou ouvindo, vou tirar, aí liguei pra São Paulo... “Djalma, o que é que foi?” Rapaz o prefeito quer eu bote os leões do circo pra fora. “Deixa que eu vou buscar”... Até ontem ele não me pagou ainda, pode ser que chegue aqui hoje. Parei o circo, aí não aguento ficar parado, vou no estado perguntar se ele não quer que eu abra um circo escola para esses meninos tudo roubando e pedindo dinheiro no meio da rua. Aí ele, “rapaz, tem certeza que dá?” Eu disse dá sim, eu faço deles artistas.

Mari: Foi governo estadual ou municipal? Junto com a FUNDAC?

Djalma: Estadual, junto com a FUNDAC. na comunidade próximo as Trincheiras, não lembro agora o nome. Eu falei pra eles logo, fui num ponto essencial, disse, aquilo tá uma vergonha, você que chega de fora, eu mesmo, sou daqui mais eu só vivo viajando com o circo, quando chego aqui está os meninos pedindo esmola no meio da rua, pedindo dinheiro, com papel escrito um negócio. Aí eu disse o senhor compra uma lonazinha barata, faço o negócio, ensino a arte a ele tem uma forma para eles viverem, uma profissão de vida. As mulheres ficaram tudo doida, as mães dos meninos. Eu fazia a reunião, vinha todo mundo, Cristina tomava conta das filhas mulher, ia ensinar o bailado a elas, Caixa de Espadas, essas coisas, Djaelson também ensinava. O Circo Escola deu certo, o pessoal de São Paulo perguntava: “Djalma dá pra vir o pessoal daí?” Eu dizia: Dar sim, agora vocês têm que vir buscar, porque as mães só

confiam se deixar um documento, um negócio. Aí eles vieram, saíram levando, têm é muito lá pra São Paulo, acho que não vieram nem mais aqui. O circo estava dando bem, quando vinha o pessoal das escolas, as mães dos meninos eu cobrava o ingresso (1,00) um real. Era cheio. Eu sempre dizia: aproveitem, porque se entrar o governo aqui, vai acabar com tudo isso aqui. Tem muitos circos de São Paulo perguntando por vcs, pedindo para eu mandar os meninos pra lá, e eu dizia, vou mandar!

Mari: Mas seu Djalma, porque parou? O Senhor continua morando em Jaguaribe.

Djalma: Parou porque os meninos começaram a sair, não entrou outros mais, aí começaram a pechinchar o nosso salário, aí eu disse, isso aqui não dá pra mim não. Outro dia, fizeram uma surpresa a mim. “Seu Djalma é o senhor?” o cara quando vem é para impor não é! “Eu sou o convidado do governo, eu vim tomar conta do Circo, eu sou o diretor do Circo.” Eu disse, ótimo, muito prazer, qual o circo que você já trabalhou? “Não, vou tomar conta da escola!” E qual sua profissão? “Eu sou músico!” Aí eu fui lá falei com a diretora, ela disse com vergonha, “Não, foi o governador, período político seu Djalma, isso é assim mesmo!” Eu disse tudo bem, não tenho nada a ver com isso, eu só quero somente dizer que, está tudo lá, que a Senhora vá lá para entregar a ele, agora o cara não vai fazer nada, o cara é músico, vai tocar circo como? Aí ficou aquele silêncio... Eu saí, desci, fui embora, e nunca fui lá. Na época eu tinha dois caminhões, eu vou viver de caminhoneiro agora, toquei para São Paulo pra trabalhar eu e meu filho.